







ex libris  
æmiliæ  
van der  
vekene





N. A. 358108

BC: 90.378

272 (540.55) "17"

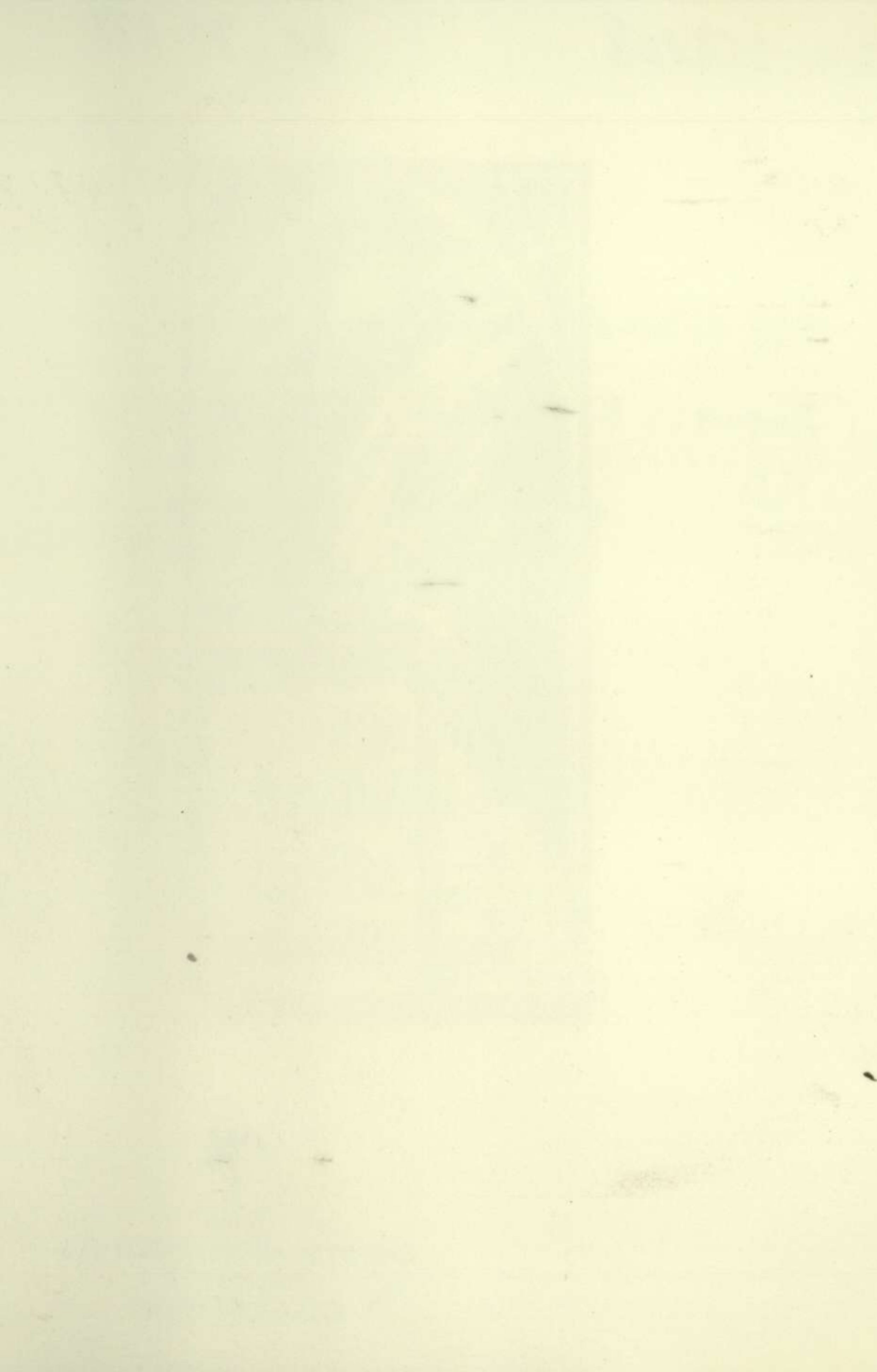
Inquis. - E. V. - 582

ND



IN VERITATE  
LIBERTAS

UNIVERSIDAD SAN PABLO CEU  
BIBLIOTECA  
EMILE v.d. VEKENE





DESCRIPCÃO FUNEBRE  
DAS EXEQUIAS,

QUE A INQUISICÃO DE GOA  
dedicou à memoria

DO EMINENT.<sup>mo</sup> E REVER.<sup>mo</sup> SENHOR  
NUNO DA CUNHA  
DE A T A I D E,

*Presbytero Cardeal do Titulo de Santa Anastasia, do Con-  
selho de Estado de S. Magestade Fidelissima, Inquisidor  
Geral dos Reinos, e Senhorios de Portugal, &c.*

COM A

ORACÃO FUNEBRE,

Que nas mesmas Exequias recitou

O M. R. PADRE MESTRE

FR. JOÃO DO PILAR,

*Da Ordem dos Prégadores, Deputado da mesma Inquisi-  
ção, e seu Promotor serventuario,*

E ELOGIO

DO MESMO E M.<sup>mo</sup> E R.<sup>mo</sup> SEN.<sup>or</sup>

Offerecido tudo

AOS ILL.<sup>mos</sup> SENHORES,

*Do Conselho de S. Magestade, e do Geral do Santo Officio,*

P O R

ROMUALDO GLOHYSIO FREIRE,

Occupado no serviço da dita Inquilição de Goa, que deli-  
neou, e escreveo as Exequias, e Elogio.



LISBOA, Na Officina de Miguel Manescal da Costa;  
Impressor do S. Officio. Ann. 1753. Com as licenç. necess.



DESCRIPÇÃO FÚNEBRE  
DAS EXEQÜIAS

QUE A INQUIZITÃO DE GOA  
dedicou á memoria

DO EMINENT. e R. E. SENHOR  
NUNO DA CUNHA  
DE ATALDE,

Presbytero Cardinal do Titulo de S. Maria in Via, do Con-  
selho de Estado de S. Magestade Catholica, Inquisidor  
Geral dos Reinos, e Governador de Portugal, &c.

COM A

ORAÇÃO FÚNEBRE.

Que nas mesmas Exequias recitou

O M. R. PADRE MESTRE

F. JOÃO DO PILAR,

do Orden do Predicador, Deputado de nosso Inquisi-  
ção, e seu Promotor Perpetuo.

RELÓGIO

DO MESMO EM. e R. SENHOR

Offerecido tudo

AOS ILL. SENHORES

Do Conselho de S. Magestade, e do Conselho de Estado  
POR

ROMUALDO GONÇALVES

Occupado no tempo da dita Inquisição de Goa, e da  
Recou, e esteve as Exequias, e Relógio.

1804, Na Officina de Miguel Manoel da Costa,  
Impressor do S. Officio Anno 1753. Com a Typographia





ILL.<sup>mos</sup> SENHORES.



**DEPLORAVEL**

*aviso da morte do*

*Eminentissimo Senhor Cardeal da Cunha,*

*Inquisidor Geral dos Reinos, e Senhorios*

A ii

de



de Portugal, magoou de sorte os corações  
aos seus subditos os Inquisidores desta In-  
quisição de Goa, que não ha termo, que  
o explique, nem palavras, que o declarem.  
As mortes, quanto mais se perde nellas,  
tanto mais sensiveis se fazem. E que sen-  
timento seria o seu, se affirmão perderem  
em Sua Eminencia hum Prelado, que os  
amava como pai, e como a filhos tratava?  
E porque lhes era preciso fazer pública a  
sua dor, para de algum modo satisfaze-  
rem aos beneficios, que eternamente con-  
fessarão dever à sua saudosa recordação,  
dispuzerão celebrar-lhe honras funebres na  
Igreja do Convento de S. Domingos desta  
Corte, recommendando-me o cuidado do  
Mausoleo, e ornato da Igreja: empreza  
se albeia da minha capacidade, mui pro-  
pria da vontade, que tinha de me empre-  
gar em tudo, que fosse obsequio de Sua  
Eminencia, pelo muito, que sempre me  
honrou. Sem desvanecimento posso segurar  
a VV. Senhorias, que haverá poucas Exe-  
quias, que se possam jaëtar de mais finas,  
e não



e não sei se diga de mais pomposas; porque sobre terem a maioria de serem tributo do amor, e fidelidade de taes subditos, era função, em que se arriscava o credito do Tribunal, e se avaliava o agradecimento dos seus Ministros. Tambem confiárão de mim o descrevellas: empenho, que me obrigou, ainda que com succinta penna, a formar hum Elogio da illustre memoria de S. Eminencia, para que a posteridade reconhecesse em parte a sua grandeza. Se huma, e outra cousa não corresponder ao merecimento de objecto tão relevante, saibão VV. Senhorias, que resultou de não admittir maior magnificencia a possibilidade do Paiz, e de o talento, que se escolheo para o elevado desempenho, não ser proporcionado para elle. Mas o que tiverem de defeito, supprirá a approvação de VV. Senhorias, quando o mereção; pois com tal abonação avultarão tanto, que não baverá quem as censure, sim quem as agradeça. E como VV. Senhorias succedêrão a S. Eminencia em tudo, que póde dizer

zer



zer respeito à minha veneração , justo he  
que lhes dedique quanto obrou o meu ren-  
dimento. Recebão-o pois VV. Senhorias,  
e juntamente o Panegyrico, que naquelle  
dia se recitou, como restituição, ou offer-  
ta da minha obrigação, esperando das  
suas generosidades relevem todas as fal-  
tas, que nelle descobrirem. Deos guarde  
a VV. Senhorias muitos annos. Goa, em  
30. de Dezembro de 1751.

*Romualdo Globysio Freire.*



# LICENÇAS.

## DO SANTO OFFICIO.

*Approvação do M. R. P. M. Fr. Antonio de Santo Elias, Religioso da Ordem de nossa Senhora do Monte do Carmo, Qualificador do Santo Officio, &c.*

ILL.<sup>mos</sup> E REV.<sup>mos</sup> SENHORES.

**O** Conceito, que eu faço desta obra, fora certamente com pouca differença igual à faudade, que me desperta, do nosso Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor Inquisidor Geral Nuno da Cunha, de gloriosa memoria, se os acertos do entendimento não fossem menos poderosos do que as deliberações da vontade. A relação das suas Exequias naquelle Estado he tão pia, como sincera. O Sermão foi recitado por hum Mestre da Ordem dos Prégadores, e Deputado deste Santo Tribunal, que são os titulos mais honrosos, e que sem lisonja dão a conhecer inteiramente a relevancia da invenção, e discurso do seu Author. O Elogio descobre huma grande parte das estimaveis prendas daquelle insigne Prelado; porèm ainda não deixa satisfeita a veneração dos que tiverão a felicidade de conhecer a grandeza da sua Pessoa. Tudo em fim he singular pelo respeito do seu objecto, conforme  
à San-



a Santa Fé , e bons costumes , e digno de huma , e muitas estampas tão perduraveis , como o sentimento daquella para sempre deploravel fatalidade. Carmo de Lisboa , em 11. de Junho de 1753.

*Fr. Antonio de Santo Elias.*

**V** Ista a informação , póde-se imprimir a Descripção , Sermão , e Elogio , que se apresentão , e depois voltarão conferidos para se dar licença que corráo , sem a qual não correrão. Lisboa , 19. de Junho de 1753.

*Silva. Abreu. Trigozo. Silveiro Lobo.*

---

---

## DO ORDINARIO.

*Approvação do M. R. Doutor José Thomaz  
Borges, &c.*

EXCELL.<sup>mo</sup> E REV.<sup>mo</sup> SENHOR.

**M** Anda-me V. Excellencia ver a Descripção das Exequias , a Oração Funebre , e o Elogio , que se comprehendem neste livro , e que informe com o meu parecer. Satisfazendo ao preceito de V. Excellencia , exporei o juizo , que formo de toda a obra. O

Au-



Author da Descrição , não sem poderosos estímulos para a fauldade , de que a este Reino , e suas Conquistas he crédora a illustre memoria do Eminentissimo , e Reverendissimo Principe o Senhor Nuno da Cunha de Ataíde , Presbytero Cardeal da Santa Romana Igreja , do Titulo de Santa Anastasia , do Conselho de Estado de S. Magestade Fidelissima , e em todos os Dominios da sua Monarquia Meritissimo Inquisidor Geral , expõe com vozes elegantes , e descreve com termos tão concisos , como proprios , o luctuoso apparatus , e funeral pompa , com que o Sagrado Tribunal da Inquisição de Goa , Corte da India Portugueza , fez pública a sua dor , e immortal o seu desempenho , consagrando às gloriosas cinzas , e eterna fama do seu Purpurado Principe , e amabilissimo defuncto Prelado , Exequias tão sumptuosas , que já mais vio semelhantes a nossa Asia , soberbo Emporio , em que a magnificencia se fez sempre o primeiro lugar. Dellas foi theatro o Real Templo Dominicano , Capella propria das sagradas funções daquelle Apostolico , e venerando Tribunal. As naves , e altas colunas se cubríão de luto , por não lhes permittir sua condição outro modo de chorar , ou estylo de sentir. Nellas , não sem magestoso horror , se divisavão aquelles troféos da morte , que são verdadeiros symbolos da fragilidade humana , e vivos defenganos da gloria terrena. Dos capitéis das mesmas colunas , e dos arcos , que sobre ellas levantou a arte , não menos sabia , que animosa , estavão pendentos , entre luctuo-



fos estandartes das Armas de S. Eminencia , e do Santo Officio, os tarjões, em que a penna, e o pincel formáram discretos emblemas , que erão outros tantos simulacros das virtudes Christans , politicas, e moraes , que constituíam , e agora representavão o alto caracter daquelle Principe , por todos os titulos Eminentiſſimo. Nos porticos do Templo , e nas faces do magestoso cenotafio se davão a ler brilhantes inscripções, dirigidas a consagrar immortal o nome do mesmo suspirado Principe , e a celebrar perenne a sua memoria. A propriedade, com que forão ideadas, a elegancia de estylo, que nellas resplandece, a culta latinidade, com que estão compostas, me fazem persuadir, que ainda ao presente florecem em Goa as bellas letras : mas que muito conservem, com singular immunidadade contra as injurias do tempo, o seu throno em aquella Região , em que tiverão o berço? porque se as letras, e as sciencias todas nascêrão onde o mundo nasceo , quem póde duvidar, que na Asia tiverão o seu oriente, e tão feliz, como distante das sombras do occaso, ou eclipſes da ignorancia?

Assim aos olhos de todos expoz o sagrado Tribunal pelas vozes da grandeza a da sua magoa. A mesma porèm manifestou com mais alto brado, pela relevante facundia do Orador , que elegêra , conseguindo que as significações de tanta lastima passassem dos olhos aos ouvidos , e depois aos corações , para deste modo fazer commua para o sentimento humana perda , que por pública , a todos compre-

hen-



hende , e que por excessiva pede , para dignamente fer chorada , hum pranto tão heroico , que suspenda as lagrymas , hum sentimento tão profundo , que apenas se explique em gemidos: *Mortuus est. Non planges, nec plorabis, nec fluent lachrymæ tuæ: ingemisce tacens.* Esta a nobre idéa desta Oração Funebre , que pela grandeza do Heroe , que tem por assumpto , e pela eloquencia do Orador , que a compoz , e recitou , he digna das acclamações da fama , e dos obsequiosos tributos da admiração.

Os primeiros , que assim sentem , e que assim chorão , são a Igreja , e Portugal , porque Deos , e o Rei , Portugal , e a Igreja forão os dous preciosos , e precisos pólos , em que o Eminentissimo Senhor Cardeal da Cunha fixou as suas idéas , e a que dirigio as acções de toda a sua vida. Assim o escreveo quem a S. Eminencia , quando vivia , lhe dedicou hum discreto elogio: *Duo sunt tuæ vitæ cardines Ecclesia, & Lusitania; Deus, & Rex.* (1) A Magestade Fidelissima do Senhor Rei D. João o V. de perpetua faudosa memoria o nomeou seu Conselheiro de Estado , e primeiro Ministro do despacho. A Santidade do grande Pontifice Clemente XI. de eterna recordação , à nomina do mesmo Soberano , o creou Cardeal Presbytero da Santa Romana Igreja , condecorando-o com a sagrada Purpura do Senado Apostolico , e collocando-o no sublime throno ,

B ii

a que

---

(1) Domnus Raphael Bluteau in Oraculo utriusque Testamenti.



a que Roma eleva os seus Principes. E que illustres acertos não admirou Portugal em todos os projectos de S. Eminencia, e na feliz conducta do seu ministerio? He o cargo de primeiro Ministro tão elevado sobre toda a consideração, que he maior que o Reino, e só menor que o Rei. Se o Rei cinge coroa, não está sem ella o seu primeiro Ministro: com esta só differença, que a coroa na cabeça do Rei he de ouro, porque resplandece; na testa do Ministro he de chumbo, porque péza. Do Rei he proprio o tribunal das graças; do primeiro Ministro o dos cuidados. E que grandes os deste Ministro, em tudo eminente, e Eminentiſſimo! Elle os applicou sempre à felicidade do Rei, e ao commum beneficio dos vassallos. A do Rei testemunhárão os negocios publicos, ditosamente concluidos. Nelles empregava aquellas sublimes qualidades, que no seu animo heroicamente resplandecião, e que todos, não sem concorde applauso, observárão desempenhadas no seu amplissimo, e acertadissimo ministerio. E que efficacia não dava elle à sua fidelidade, e à sua prudencia? Que applicação a descobrir a origem dos males, e a conveniencia dos remedios? Que advertencia em occultar os segredos da regencia, e os mysterios do gabinete, confiados à sua sabedoria, e intelligencia? Que presenca de espirito para penetrar as nuvens da dissimulação, e do artificio, chegando a descobrir não só os designios, mas ainda as intenções, e os motivos? Que sábia conducta a do seu obrar em todos aquelles ne-

go-



gócios, em que podia interessar-se a gloria do Soberano, e a felicidade da Monarquia? Assim, e com grande satisfação sua, o reconheceo o Rei: e assim não deixarão de o confessar admirados os Ministros das Potencias estrangeiras. De todas essas altas qualidades era conveniente, e ainda indispensavel, que fosse ornado hum primeiro Ministro de Portugal: hum Ministro, que foi eleição do mais sabio Monarca, deposito das suas idéas, e o principal instrumento das felicidades do mesmo Monarca glorioso.

As felicidades dos vassallos experimentou o Reino todo. S. Eminencia era quem com benignidade escutava as queixas dos mesmos vassallos, e se condoia dos opprimidos. Elle era o que examinava os merecimentos, ponderava os serviços, apadrinhava os requerimentos; e offerecendo aos pés do Real throno, como sacro deposito da justiça, e tambem da clemencia, as súplicas, e as esperanças dos povos, lhes noticiava depois os oraculos decisivos, que declaravão a attenção do Soberano, e fabricavão a felicidade dos vassallos. Esta a razão, por que todos contemplavão este grande Ministro como medianeiro para a distribuição das mercês, e remuneração dos serviços: a elle recorrião como a centro, a que se terminavão todas as linhas da commua felicidade. Este o Ministro, que a Portugal roubou a morte, e cuja falta chora com hum pranto sem lagrymas, e com hum sentimento tão custoso, que obriga os corações a suffocar os

ge-



gemidos, e a ter quasi mudo no carcere do silencio o proprio sentimento.

Ao de Portugal, que he por excellencia Reino de Christo, faz a Igreja, lastimada de tanta perda, a mais fiel companhia. Oh, e quantas razões concorrem a justificar o seu sentimento, e a exasperar a sua magoa! Era o Eminentissimo Senhor Cardeal da Cunha a completa idéa dos primeiros Principes da Igreja. A' sua nobre mente havia revelado a sabedoria todos os seus arcanos. No seu peito havia collocado a virtude o seu throno, e igualmente depositado nas mãos do seu obrar todas as suas palmas. A haver alguma lei, que determinasse as qualidades de hum Senador do Ceo, de hum Principe Purpurado da Igreja, nenhuma outra pudéra dictar, que as mesmas, que se vírão resplandecer na grande alma daquelle defunto Principe. Hum zelo intrepido em defender, e sustentar o decoro da Santa Igreja, e as determinações dos Soberanos Pontifices, que em seu tempo successivamente a regêrão. Huma prudencia solida, e huma constante sabedoria em ponderar as materias, e resolver as controversias, que no tempo da sua residencia na Curia se propuzerão nas Congregações dos *Bispos*, e *Regulares*, dos *Sagrados Ritos*, de *Propaganda Fide*, e *Consistorial*, das quaes o elegeo Ministro a santa memoria do gloriosissimo Pontifice Innocencio XIII. Hum affecto ardentissimo em promover a maior gloria de Deos, a magnificencia do Divino culto, e a magestade dos Sagrados Mysterios da Religião,



como publicação Roma , Jerufalem , e Lisboa. Finalmente huma piedade generosa para os necessitados , e pobres , que são os mais queridos , e mimofos filhos da mesma Igreja. Todos nelle achárão entranhas de misericordioso pai na distribuição de continuas esmolas , reconhecendo-se mais liberaes , as que erão mais occultas. Não acabou , não com a morte deste Principe a sua caridade. Sobrevive quasi eterna para soccorro dos enfermos do Hospital Real desta Corte , e para amparo das viuvvas , e mais indigentes , nas grossas quantias de dinheiro , que mandou entregar à Santa Casa da Misericordia , e ao mesmo Hospital. Para preventivo remedio , e anticipado beneficio de donzelas pobres deixou o amplo legado de dotes quasi innumeraveis. Nobre engenho de multiplicar beneficios ! Soccorrer a hum mesmo tempo a miseria , a honestidade , e a innocencia , e sustentar com o mesmo alimento trez vidas , do corpo , da alma , e da fama. Verdadeiro genio de público pai ! Supprir os officios da natureza com os instrumentos da piedade , e fazer que a pobreza então se reconheça menos desamparada , quando se considera mais desfavorecida. Preclaro zelo de hum verdadeiro Principe da Igreja ! Fazer-se o segundo redemptor das almas , e com o segundo sangue , que he o ouro , preservar aquellas , que comprou Christo com o primeiro. E não ha de sentir com Portugal a Igreja do seu Purpurado Principe ?

Sente a morte do seu Eminentissimo Prelado , e suspirado Inquisidor Geral a Santa Inqui-



quificação, Areopago da Fé, Raio formidavel da heresia, Freio da Judaica perfidia, e firme Propugnaculo da Lei Euangelica. Ella he a torre do Libano, erecta contra as traições dos habitantes de Damasco, Metropole da Syria: (2) a Inquificação, digo, he no mais alto do Libano da Santa Igreja aquella inexpugnavel fortaleza, em que residem os seus sacros Ministros, como perpetuos exploradores, attentos a descubrir os simulados erros, impios costumes, e fingida fé dos Pseudo-Catholicos, Judeos, herejes, e sectarios do Politicismo, symbolizados nos Syrios, desertores, e profanadores da verdadeira Religião. Os Ministros da Inquificação, e elles, como nenhuns outros são os que da atalaia do mystico Libano vigiãõ sobre a felicidade da Igreja, e destruição, ou conversão dos seus inimigos. Elles, elles são os mais illustres defensores da Santa Igreja. Elles merecem de justiça, e em sentido mais alto, e muito proprio, o honorifico titulo de *Defensores Domini nostri*, (3) que às Milicias Romanas havia dado a Lei *Ab host. Cod. de post. Defen-*

---

(2) *Turris Libani contra Damascum erecta, hoc est, Sancti Tribunalis Inquisitionis propugnaculis communita adversus impios.* Magister Gravina, Dominicanus, in *Voce Turturis*, apud Joannem Godefridum Schonwetterum. (3) *Et quidem ad id destinati sunt, ut Christo sint, ejusque Christianæ fidei, sacro præsidio, . . . & tanquam Dei legiones invigilent: ad illos enim refero libens quod est in Legibus Cod. de post. L. Alb. hoste ibi: Defensores Domini nostri.* P. Ildephonsus de Flores, de *Inclyto Agone* lib. 3. part. 3. cap. 5. pag. 292.



defensores de nosso Senhor são os Apostolicos Inquisidores contra os Diistas, Atheistas, Polytheos, Antinomos, Antropomorfistas, Libertinos, Adiaforistas, ou Indifferentes, e outros muitos, e tambem contra alguns Ministros dos Sacramentos, especialmente da Penitencia, cuja pureza corrompem huns com a irregularidade de iniquos procedimentos, e outros pervertem, e ainda depravaõ, (com a adhesão a huma perniciosa praxe, e impio dogma, pretextado com especie de zelo) a justa economia, com que deve administrar-se, chegando a fazer odioso aos Fieis hum Sacramento tão necessario, que he a segunda taboa depois do naufragio da culpa. Elles, elles são aquelles heroes invictissimos, que defendem o leito, ou throno do verdadeiro Salamão, ou de Christo mais sabio, e glorioso que Salamão: todos com espadas nas mãos, espadas, que nem o odio as desembainha, nem o affecto as suspende; doutissimos todos, porque armados de huma verdadeira sabedoria para triunfarem em tão illustre guerra das maquinas dos adversarios da Religião, significadas em os nocturnos assaltos. (4) Pela sabia conducta de tão inclytos defensores está Christo descansado no seu throno, e no Ceo da Igreja desaggravado o mesmo Deos. Oh que alto ministerio o dos venerandos Inquisidores Apostolicos! Na Igreja Mi-  
C li-

---

(4) *En lectulum Salomonis: sexaginta fortes ambiunt ex fortissimis Israel, omnes tenentes gladios, & ad bella doctissimi, &c. Cant. cap. 3. vers. 7.*



litante são elles o que primeiro forão na Triunfante os Anjos. Para florecer o Ceo livre do heretical erro dos Anjos Apostatas , instituo Deos Inquisidores os Anjos , dos quaes o Archanjo S. Miguel foi , como Principe , ou Presidente , o Geral , e Supremo Inquisidor. Para florecer a Igreja pura , e immaculada na Fé , e Religião , constituo o seu Vice-Deos Anjos aos Inquisidores , pois pela exacta rectidão do ministerio , e por outros muitos excellentes predicados , são elles da Igreja Militante os seus Anjos. (5) Oh que sublime prerogativa! Oh que imponderavel gloria! Mas que he o que vejo , e admirado observe? A Inquisição magoada , afflicta , lastimada? Sim , e com justa causa , e digno motivo. Ella he a alta torre do Libano da Igreja , e certamente possui innumeraveis escudos , e todas as armas , que sabem vibrar os seus fortissimos , e inclytos defensores ; cahio porém da mesma torre o seu melhor escudo , e acabou despojo da morte o seu primeiro defensor. Ao forte braço dos venerandos Ministros da Fé está commettida a defenza do throno do melhor Salamão ; porém entre os que lhe assistem vigilantes falta aquelle

---

(5) *Hæresis in Cælo , & quidem tam fæda , crassa , & irrationabilis , ut nullum deformius , & irrationabilius visum sit in terris hæresis monstrum. Si Militans Angelorum Cætus , nonnisi post institutum in Inquisitorem D. Michaellem , sine errore floruit ; Militans hominum Ecclesia , Inquisitore non instituto , omni errore immunis florebit?* Magister Carolus Antonius Cagnedi , Crif. Theolog. tom. 5.



le principal Heroe, e fortissimo combatente, que excedia tanto aos mais, que tendo cada hum delles sua espada, elle só maneava contra os monstros da heretica, e Judaica perfidia duas espadas, a do poder, e a da bondade: *Duplici gladio expugnas hæresim, probitate, & potestate: utroque protegis causam Ecclesiæ.* (6) Finalmente a Inquisição he o Ceo da Igreja Militante, Angelico ornamento, e robusto presidio; deste Ceo são Anjos os seus Ministros, mas falta nesse Ceo, e entre os Anjos delle o seu Archanjo, ou supremo Prelado, que com a voz do seu poder, e da sua authoridade, voz muito semelhante à do Archanjo (7) Inquisidor, pacificava o Reino de Christo, fazendo que das mesmas trévas da perfidia nascessem resplandores, que restituíssem a face, e belleza do Ceo à mesma Igreja. Esta a causa do profundo sentimento da Inquisição; este o motivo do seu heroico pranto, e pranto de modo algum indecente, porque tambem os Anjos chorão, (8) e com amargura inconsolavel.

Chora finalmente a Sagrada Religião Dominicana, e extremosamente sente a perda de seu amabilissimo Principe, a quem deveo o maior affecto, e estimações. O amor de S. Eminencia he o principio desta insolita dor. E que justo, e bem empregado amor! As causas del-

(6) Domn. Raph. Bluteau in Oracul. utriusque Testament.

(7) *Angelicam Inquisitoris vocem: Quis ut Deus?*

Casned. ubi supr. (8) *Angeli pacis amarè flebunt.*



le investiga o sabio, e eloquente Orador, mas a sua modestia recusou descobrir as mais preciosas, e principaes. Reconhecia o Eminentissimo Senhor Cardeal da Cunha, que a Religião dos Prégadores he por excellencia a Ordem dos sabios, e a universal Academia dos primeiros Mestres, e com tal singularidade, que se não tem dado mais que cinco Mestres, que ensinárão da cadeira do Vaticano ao mundo todo, ella, e fó ella, não cessa de os dar para acreditado magisterio ao sacro Palacio. E que grandes Mestres! Mestres, que são os poderosos defensores das verdades da nossa Religião, e os formidaveis combatentes da heresia. Se os sabios são estrellas, os Dominicanos, nunca errantes nas verdades orthodoxas, são estrellas creadas, e formadas em tão boa *Ordem*, como a da *Verdade*: estrellas, que com seus luminosos raios sempre ferirão de morte ao heretical Sifara. E como não ha de ser assim, se são legitima esclarecida Prole daquelle Santissimo, Excellentissimo Pai, que resplandecendo em Tholosa estrella matutina no meio da nevoa da feita Albigense, formou com as luzes da sua doutrina o mais claro dia à Igreja, dissipados os erros, que naquelle nublado pertendião eclipfar os brilhantes lumes da Fé, e os resplandores da Igreja? Outra causa, e mui relevante, deste amor he ser a Preclarissima Familia do grande Domingos, entre todas as Familias Sagradas, a mais intima, e addicta à Santa Sé Apostolica, e a que goza de muitas prerogativas nos negocios, e materias perten-



tencentes à Fé. Assim o attestão em Roma as Sagradas Congregações do Indice , em que a Religião tem o lugar perpetuo de Secretario , e da Santa , Suprema , e Geral Inquiisição , em que o Commissario , que sempre he Religioso da Provincia de Lombardia , assistido de dous Sapientissimos Mestres da Ordem , e de hum Prelado Canonista , faz as vezes , e funções de Juiz. Assim o publicação muitas Inquiissões de Italia , as de Hespanha , e as de Portugal , pois neste , além de outros innumeraveis Ministros , que as servem , e tem servido , e sempre com satisfação , tem occupado desde o anno de 1614. até o presente dez insignes Mestres desta Provincia o amplissimo lugar de Deputado do Conselho Geral , com a honra , e titulo do de S. Magestade. Destas causas foi effeito aquelle generoso affecto , e grande estimação de S. Eminencia , o que tudo deixou confirmado com a eleição da sepultura. Mandou que fosse o deposito das suas cinzas no commum cemeterio dos Religiosos , para defunto descansar entre os que tratára vivos , e não menos para refuscitar glorioso no ultimo dia em companhia de todos os filhos de Domingos , que esperava bemaventurados. He rasa a sepultura , e sem mais epitafio que a simples inscripção do seu nome , e do dia da sua morte , que melhor dissera do seu nascimento : que sempre o Sol do tumulo do occaso fez thalamo para seu feliz oriente ; deste o privaria quem lhe negasse o occaso : *Adimitur ei ortus , si auferatur occasus* , escreveo S. Zeno. Resumido he



he o epitafio, diminuta a inscripção; porém o que nella parece faltar, ensinará a fama aos posteros por meio deste Panegyrico Funebre, quando os attender suspensos à vista do immortal nome do Eminentissimo Senhor *Nuno da Cunha*, gravado na pedra da sua sepultura. Este he, lhes dirá, este he o que foi Bispo Capellão Mór de dous Monarcas de Portugal, Confelheiro de Estado dos Reis Fidelissimos o Senhor D. João o V. e D. José o I. nosso Senhor, e do universal despacho do primeiro, Inquisidor Geral nos Reinos, e Dominios todos da Coroa Portugueza, Principe Purpurado da Santa Romana Igreja: Principe, que com a alteza da virtude igualou a magestade do titulo: Principe dado ao Ceo da Igreja para gloria dos avós, por Purpura à patria, por idéa aos posteros, que com a piedade se consagrou victima a Deos, com a prudencia oraculo ao mundo, com a benignidade delicias ao seculo, com as virtudes exemplo de Principes Mitrados, vivo depois das cinzas para beneficio do Universo. Isto dirá a fama, porque isto clama, e clamará por toda a longa duração dos seculos esta Funebre Oração.

Assim arrebatado das acções heroicas do Eminentissimo defunto Principe, assim sorprendido da elegancia do Orador eminente, tenho retardado, Senhor Excellentissimo, e Reverendissimo, ao adoravel preceito de V. Excellencia a execução; mas tenho desculpa. Aborto em lição tão importante, não cessava de admirar o grande merito daquella Purpura, que



que ferá eterno suspiro da saudade de Portugal ; nem podia resolver-me a formar a censura , que pede Oração tão grave , discreta , e elevada. Agora a darei , e em poucas palavras. Basta dizer que o Author de tão rara produção he o M. R. P. M. Fr. João do Pilar , da Ordem dos Prégadores , e Deputado do Santo Officio. A simples inscripção do seu nome he todo o seu louvor em epilogo : *Omnia dixi , cum ejus inscripserim nomen*. A Profissão he qualificado testemenho do acerto , com que tão digna Oração está escrita. Como havia de pecar contra os preceitos da eloquencia hum fabio , que tem de casa os mais famigerados Principes de huma , e outra eloquencia? Na Sagrada o Veneravel Mestre Fr. Luiz de Granada na sua *Rhetorica Sagrada* , composta segundo os preceitos de Aristoteles , Cicero , e Quintiliano : *Rhetorica* , que ao Jesuita Francez *Rapin* deve immortaes elogios no livro , que compoz : *Reflexões sobre a Eloquencia*. (9) Na Universal o M. Fr. André de Rezende , milagre dos Escritores de todos os seculos , no seu aureo livro : *Adversus stolidos politioris literaturæ obtreñtatores*. O emprego he huma precisa , e respeitosa exempção de toda a censura ; porque sendo o illustre Author Juiz nas materias da Fé , que muito zela , mal poderia faltar nem em hum só apice às expressões escriptas , e delicadas , que pedem os dogmas da mesma Fé. De outras varias composições deste

Ora-

---

(9) Rapin Reflex. &c. pag. 70.



Orador eloquente tenho noticia , mas cuido que esta as deixa por ora em respeitoso silencio : *At præterita sileant , sat est hoc novum , & rarum experimentum.* Com este discreto , e elegante primor se explicou aquelle nobre engenho , que approvou o livro *Vita abscondita* , Fenix verdadeiro entre muitos livros , o qual compoz , e imprimio em Roma no anno de 1727. o Eminentissimo , e eruditissimo Cardinal Alvaro Cienfuegos. A Descripção das Exequias , e o Elogio historico , que he a ultima parte destas composições , e livro , são nobre fadiga da bem instruida penna de Romualdo Glohyfio Freire , que tem a honra de ser occupado no serviço da mesma Inquisição , e Tribunal ; e tanto observa os seus sagrados , e orthodoxos dictames , que em cousa alguma do que escreveo se vem offendidos a Fé , e os bons costumes. Este o meu voto , resignado sempre na sabia determinação de V. Excellencia , que mandará o que for servido. Lisboa , 3. de Outubro de 1753.

*José Thomaz Borges.*

**V** Esta a informação , póde-se imprimir o papel , de que se trata , e depois volte conferido para se dar licença para correr. Lisboa , 6. de Outubro de 1753.

*D. J. Arceb.*



---

---

## D O P A C, O.

*Approvação do M. R. P. M. José de Oliveira,  
da Companhia de Jesus.*

### S E N H O R.

**A** Descrição Funebre, Sermão, e Elogio, que se fizeram na Capital do Imperio Portuguez da Asia nas Exequias do Eminentissimo Cardeal da Cunha, não só merecem a luz pública por graça, mas tambem, quanto me parece, por justiça, que deve fazer-se assim à memoria do mesmo Cardeal, para que pela estampa dos seus merecimentos fique eterna em huma nação, que lhe ficou devendo tanto; como à rectidão do Tribunal do Santo Officio, o qual até na supererogação do agradecimento mostra a justiça, com que procede; como finalmente à India Lusitana, para que não se duvide, que não perdem nella os engenhos Portuguezes a fecundidade de preciosos partos, com que tem enriquecido o Orbe litterario, e fique patente que da Asia não se transportão sómente diamantes brutos, mas tambem preciosidades tanto mais estimaveis, quanto mais cultas, e polidas na perfeição da lingua Portugueza, e consummada erudição sagrada, e profana. Como entendo que deve V. Magestade conceder a licença, que se pede, conformando-se com a

D

jus-



justiça , a que attende tanto , não póde esta  
achar nesta obra opposição às leis do Reino,  
regalias da Coroa , ou pública utilidade dos  
vassallos de V. Magestade. Lisboa, S. Roque,  
3. de Novembro de 1753.

*José de Oliveira.*

**Q**ue se possa imprimir , vistas as licenças  
do Santo Officio, e Ordinario , e depois  
de impresso tornará à Meza para se conferir,  
e taixar , e dar licença para que corra , e sem  
isso não correrá. Lisboa , 6. de Novembro de  
1753.

*Marquez P. Carvalho. Velho.*





# DESCRIPÇÃO FUNEBRE.



M 23. de Setembro surgindo na barra de Agoada as Náos Monte-Alegre, e Vencimento, que em Abril do mesmo anno tinhão sahido da Cidade de Lisboa, se divulgou logo nesta de Goa Capital do

Estado Asiatico Portuguez, a infausta noticia da morte do Eminentissimo Senhor Nuno da Cunha de Ataide, Presbytero Cardeal do Titulo de Santa Anastasia, do Conselho do Estado de S. Magestade Fidelissima, Inquisidor Geral dos Reinos, e Senhorios de Portugal, a qual de todo se confirmou no dia seguinte, com a individuação de que se rendêra o seu generoso espirito aos 14. de Dezembro do referido anno: dia, que será memoravel para a



fatalidade, por acabar nella huma vida, que sendo dilatada, parece que merecia ser eterna.

E causando este destroço da Parca demonstrações de sentimento em todos, que podião ponderar-lhe os estragos; pois ao Santo Officio usurpava hum Inquisidor Geral, em quem o zelo da Christandade, e a insuperavel constancia na exacção da justiça, sem se desviar dos indultos da piedade, tanto augmentarão a este rectissimo Tribunal a reputação, como à Religião os triunfos. Ao Reino de Portugal, pelo privar de hum Ministro, que no manejo das suas dependencias, em que a cada passo mudavão de semblante os successos, e nas maximas, que praticava, fora ainda para com estranhos venerado por Oraculo. A Igreja Catholica, por perder hum Cardeal, que às glorias, e esplendores da Purpura, e do seu illustrissimo sangue, unio o precioso esmalte de heroicas virtudes, com que tanto se ennobrecia.

Nos Ministros porèm da Inquisição de Goa foi mais penetrante o golpe, porque recebido na sua suprema Cabeça, era a todo o seu corpo tão natural, que ainda a minima parte delle o devia resentir: se não foi tambem por mais favorecidos da sua grandeza, ou por serem todos creaturas suas.

E preocupados já desta justissima pena, e entendendo que com lhe pagarem os redditos na corrente infalsificavel moeda da ternura,



ra , não satisfazião às obrigações da sua magoa , sem fazerem publica a sua dor , determinarão os Reverendissimos Inquisidores , o Doutor Antonio de Amaral Coutinho , e o Mestre Fr. Guilherme do Rosario , da Ordem dos Prégadores , que no seu Anniversario se lhe fizessem sollemnes Exequias ( reservárão-se para outro dia por justo embaraço , que occorreo ) na Igreja do Convento de S. Domingos , Cabeça desta sua Congregação : Santuario , que se foi sempre destinado para as funeraes honras dos seus Eminentissimos , e Illustrissimos predecessores , pela especialidade , com que o Santo Officio nas funções , que lhe dizem respeito , distingue esta Sagrada Religião , parece que o era agora de justiça , por se suppor seria essa a vontade de S. Eminencia , quando para comprovar de todo o amor , que lhe tinha , ( foi incomparavel ) se mandou sepultar na rafa sepultura de seus filhos. Elegêrão tambem logo para a Oração Funebre ao M. R. P. M. Fr. João do Pilar , Deputado da mesma Inquisição : fogeito , em quem concorria talento para tão eminente desempenho.

He a Igreja de S. Domingos hum dos magnificos Templos , que ha no Oriente , e dos mais antigos d'elle , por se fundar no anno de 1550. governando este Estado da India o Governador Jorge Cabral , que no ultimo de Abril do mesmo anno assentou com a sua mão a primeira pedra deste edificio , e debaixo della



la hum Portuguez de ouro , moeda de quinze cruzados de pezo , que corria naquelle tempo.

A sua architectura he gothica , sustentado em duas ordens de colunas , que formão trez naves em cinco arcos correspondentes , excellentemente revestidos , como as colunas , que são de pintura Troiana , de admiraveis dourados , e com perduraveis pedestaes de pedra marmore. O tecto he de madeiramento de singular teca , no qual , em primorosas tarjas douradas , se vem os mais acreditados brazões da sua esclarecida Ordem ; e junto ao Atrio tem cinco janellas , pelas quaes , e por outras da Igreja , recebe o Templo abundancia de luz. Tem de comprimento da porta principal até à parede da Capella Mór trezentos e sessenta e dous palmos , e de largura cento e treze.

No meio da fachada interior da nave do meio se levanta hum magestoso , e rico arco , que observa todo o edificio , situado entre duas Capellas , dedicadas à Imagem de S. Domingos em Soriano a da parte do Euangelho , e à Senhora do Rosario a da Epistola. Aos lados destas se formão as paredes lateraes do Templo ; e da parte da Epistola estão trez grandes Capellas de S. Pedro Martyr , Santa Maria Magdalena , e Santissimo Nome de Jesus ; e da parte do Euangelho duas de Santo Antonio , e S. Gonfalo , porque o lugar , que devia occupar a terceira , se applicou à porta do cruzeiro , que vai para o claustro do Convento ; mas

sem-



fempre conservando com a tribuna , que sustenta o seu arco , a symmetria da Capella de S. Pedro Martyr , que lhe corresponde. O restante das paredes está despido , por não admitir a construcção do Templo mais ornato.

Dentro do dito arco , que dá entrada para a Capella Mór está o espaçoso Coro com dez janellas , em que os Religiosos cantão o Officio Divino , e toda ella ornada de escultura de madeira , primorosamente entalhada , e ricamente revestida de ouro , como o está o tecto , que he de abobada , com quadros pintados a oleo , que expõem tão nobremente as mais gloriosas acções do grande Patriarca dos Prégadores , que lifongea a vista a elegancia da pintura , o que tambem fazem as mais Capellas da Igreja , por serem da mesma architectura. Na mesma Capella se vem as sepulturas do Bispo de Malaca D. Fr. Jorge de Santa Luzia Dominico , dotado de espirito profetico , e dos Vice-Reis Pedro da Silva , e D. Rodrigo da Silveira , primeiro Conde de Sarzedas.

Na correspondencia do mesmo arco , cuja distancia occupa o corpo mais principal do Templo , está outro da mesma magestade , e riqueza , dentro do qual , em altura proporcionada , está outro Coro com duas rasgadas janellas , em que ordinariamente rezão os Religiosos , porque o ardor do Paiz não admitte fazerem-o sempre no Coro da Capella Mór ; e nelle se admirão trez grandiosos , e primorosos



fos quadros , dous da Paixão do Redemptor do mundo , e hum de S. Domingos. Sustenta-se este Coro em huma grande abobada sobre quatro arcos , hum dos quaes fecha na porta principal da Igreja , e aos seus lados sustentão outros tantos arcos duas abobadas de duas nobres falas , fechando tambem hum delles nas outras duas portas da mesma Igreja: e nos arcos , que lhe ficão correspondentes , se sustentão outros , em que principiãõ as naves lateraes.

Todo o interior deste magnifico Templo estava cuberto de huma armação ao mesmo tempo lugubre , e donosa : e nos dous magnificos arcos da nave do meio estavam pendentes dous grandes estandartes de seda com diversas pinturas de esqueletos , caveiras com azas , relogios , fouces , e outras insignias da morte , e escudos das Armas de S. Eminencia , vendo-se tambem outros da mesma qualidade nos arcos das naves dos lados , e nos seus tectos , todos em symmetria. As suas colunas estavam revesti- das de ló , que por mortificar a parte ricamente reparada de ouro , e alegres cores , e deixando à vista a de cor funebre , e dourada , que tem , fazião huma bella perspectiva. Nas mãos dos ricos Anjos , que se conservão nos seus capiteis , estavam pendentes outros tantos medalhões , primosamente pintados a claro , e escuro , e muitos da mesma pintura nos arcos de toda a Igreja , e janellas , e todos com em-  
ble-



blemas allusivos às virtudes, e acções de S. Eminencia; pois se representava

A sua Religião em hum carvalho em outeiro, a que acompanhava esta letra: *Fundamenta in montibus.*

O amor de Deos em o monte Vesuvio ardendo, com a letra: *Ego semper ardeo.*

A esperança em Deos em hum gyrasol, com a letra: *Sequor, & æternum specto.*

A resignação em Deos em hum navio em tormenta, e hum coração em cima delle, com a letra: *Quò verterit aura, paratum.*

A sua justiça em huma luz em linha recta do Ceo à terra, com a letra: *Rectá diffunditur.*

A sua misericordia em hum braço com huma espada na mão, com a letra: *Judicis, non vindicis.*

A caridade para com os pobres em hum poço, com baldes em cima do seu arco, com a letra: *Hauriar, non exhauriar.*

A sua liberalidade em huma romã aberta espalhando seus bagos, com a letra: *Nemini sua munera claudit.*

A sua igualdade em materias da Fé em huma véla accesa no meio de huma casa, com a letra: *Cunctis æquè lucet.*

O seu segredo em hum relógio de arêa, com a letra: *Infunditur, non effunditur.*

A sua constancia em huma estrella cingida de hum arco de nuvens, com a letra: *Nec mutator, nec maculor.*



A sua prudencia na Lua luzindo em huma escura noite, com a letra: *In tenebris clarior.*

A sua protecção em hum castello, com a letra: *Tutela receptis.*

A sua piedade em huma palma, com a letra: *Ad omnia utilis.*

A sua sabedoria em hum livro aberto, e escrito, com a letra: *Hac itur ad astra.*

O ser pacificador em huma pomba, tendo na boca hum ramo de oliveira, com a letra: *Post nubila, & imbres.*

E omittindo outros muitos emblemas da mesma allusão, por desnecessarios, concluiremos com o da lembrança da morte, que sempre conservou, com a letra: *Omni momento memento.*

No arco da abobada do Coro de cima correspondente à porta principal da Igreja estava hum medalhão prateado, em que se lia o reconhecimento da obrigação, e o testemunho do amor, e da gratidão, com que o Tribunal do Santo Officio offerencia à memoria do seu Eminentissimo Prelado este seu obsequio.

**NONIO A' CUNHA,**  
*Eminentissimo S. R. E. Principi,*  
*Tit. S. Anastasie,*  
*Necnon*

*Supremo S. Fidei Quæsitore,*  
*Goanum Inquisitionis Tribunal*

*Hoc*



*Hoc exequialium Honorum Debitum  
Perenne venerationis, & luctus monumentum,  
Mærens Merenti solvit.*

E na parte opposta, que olhava para a  
Capella Mór, se via o seguinte elogio.

*Proprium vulgi est  
Omninò mori.*

N O N I U S

*Supra commune vulgus elatus,  
Etsi vitâ excedere visus est,  
Memoria nunquam moritura  
Excidere non poterit.*

*De Summi, Purpuratique Inquisitoris obitu  
Fure, ac merito semper querentur Posteris;  
Nulla non ætate quæretur,  
Qui in fidem aliorum  
Haud injustè  
Inquisivit.*

No Cruzeiro destinado para throno da  
urna, imaginariamente dedicada à conservação  
das gloriosas cinzas de S. Eminencia, se levanta-  
tava esta maquina sobre hum estrado de figura  
quadrada, composto de cinco degráos inter-  
rompidos em iguaes distancias de quatro pe-  
destaes, que sustentavão quatro donofas, e al-  
tas pyramides: obra de architectura composita,  
que formava quatro faces iguaes com quarenta  
e dous palmos de altura, e trinta de largo.



Dentro desta obra se erigio a urna , formada de dous corpos de architectura , revestida toda como o estrado , de marmore preto , e de bronze , figurado em custosos pannos , que a cubrião. Adornavão as quatro faces do corpo inferior da urna outras tantas tarjas , ou cercaduras pintadas a claro , e escuro , e levantadas com prata , e ouro , em que se lião por sua ordem os seguintes epitafios.

Na face exterior.

*Funestum sepulchralis urnæ silentium*

*Abrumpe fama;*

*Parem tumulo appone laudum cumulum;*

*Effare:*

*Purpurato S. R. E. Principi*

*NONIO A' CUNHA*

*Lugubris in apicem fastigiatur Pyra*

*Eminentissimo capiti debita, & devota,*

*Obsequiosa, licet non obsequuta;*

*Nam funebri apparatu honorari noluit,*

*Qui communi FF. Prædicatorum sepultura*

*Humari voluit,*

*Nihil sollicitus, huminè, an sublime putresceret.*

*Quidni animus immortalis regionem Cæli*

*Summam attigeret,*

*Dum corpus adeo humiliter abjecit?*

*O' fatalem diem xix. Kalendas Januarii!*

*O' annum tristissimum*

*M. DCC. L.!*

Na



Na face interior.

*Malè morata Mors*  
*Probatissimâ morum plusquam humanorum semitâ*  
*Modestissimè progredienti*  
*Barbaro more moram injecit.*  
*Mirum,*  
*Si ad purpuram non erubuit.*  
*Certè vel ad canitiem plus solito debebat expallere,*  
*Quæ benigna Humanitate victa*  
*Sex & octoginta annos, à Viro Eminētissimo cōpletos,*  
*Feralem iētum suspendit,*  
*Donec incauta in canos,*  
*Ceu albam in messem, falcem immitteret.*  
*Prostratum Ecclesiæ Defensorem,*  
*Orthodoxæ Religionis Columen,*  
*Sacrarum perindè, ac profanarum legum Vindicem*  
*Pietas Cælo intulit,*  
*Quod ipse, si venditur, eleemosynis emit.*  
*Pauperum agmen, Patria tota*  
*Tutori, ac Parenti*  
*Parentârunt.*

Na face do lado direito.

*Prò miseram fatorum vicem!*  
*In hunc Libitina furit,*  
*Cui Lucina favit,*  
*Dum illustres cunas*  
*E' Regia Hispanorum, ac Lusitanorum stirpe*  
*In lucem dato apparavit.*

At



*At enim  
 Potior sanguinis claritate virtus  
 Illustriorem fecit.  
 Huic additus scientiarum omnium splendor  
 Sanè quàm Illustrissimus.  
 Inter Musas agenti ipse arrisit Apollo,  
 Cùm tenera in ætate ludum prælusum eligeret,  
 Pro crepundiis canora vatum pleetra  
 Versare aspiceret,  
 Ex ephebis egressum Pallas fovit Academica,  
 Et clarissimâ SS. Canonum laureâ coronavit.  
 Virum denique Sapiencia nusquam deseruit;  
 Cujus radios, Romana cùm primis è Curia,  
 In publica Christianæ rei commoda  
 Toti penè Orbi  
 Dispensavit.*

Na face do lado esquerdo.

*Decet avitum sanguinem,  
 Virtuti tamen, ac Doctrinæ debetur  
 Honor.  
 Ità decuit NONIUM: ut etiam deberetur  
 Princeps eidem Dignitas:  
 Facere, ac fieri Deo Sacrificium  
 Hanc unam ambiit,  
 Cætera ambierunt non ambientem.  
 Primùm inter præcipuos  
 Ecclesiæ Conimbricensis Patres,  
 Deinceps ad Sacrum Fidei Tribunal  
 Consuetos per gradus,*



*Judicum in numerum relatus ,  
Exinde Regio Cadurco , mox Sacello appositus ,  
Tunc verò Targensis Pontificii titulo auctus  
Sacra tandē Tiaræ caput submittere adactus est ,  
Qui jam ante à Pastoralis Pedo procul pedem  
Retraxerat .*

*Demum in sanctiora admissus Aulae consilia ,  
Necnon*

*Plena summi Quæstoris potestate munitus  
Adeò eminuit in singulis ,  
Ut vel inde*

*Eminentissimo Romanæ Curia Senatui  
Meruerit adnumerari ,*

*Cùm genere , virtute , ac sapientia adhuc paucos ,  
Etiam non*

*Purpuratus ,*

*Faceret erubescere .*

*Nunc stolâ amictus candida lucet in Patria ,  
Quem nemo non luget in exilio .*

Acompanhavaõ o corpo superior da mesma urna outras quatro tarjas , e com a mesma cercadura , vendo-se na face exterior o natural retrato de S. Eminencia , em que pegavaõ dous bem primorosos Anjos ; na face interior as Armas da Familia de Cunha ; e nas dos lados as do Santo Officio juntas com as de S. Eminencia. Cubria ultimamente o feretro hum riquissimo panno franjado de ouro , em que estava huma almofada de tela de ouro com o barrete Cardinalicio.



Servia de remate a tudo huma soberba coroa pendente do tecto, em fórma de docel sobre o Mausoleo, que sustentava o chapeo de Cardeal, e em que descia hum grande pavilhão de ló dourado, que separado em quatro vinha a cahir em iguaes distancias sobre os arcos do Cruzeiro, que sustentavão quatro Anjos, ricamente animados, ficando pendentes, e volantes as pontas adornadas de franjas, e borlas de ouro, com tanto ar, que conduzia com o resto de todo o paramento.

Illuminavão finalmente a urna por cada hum dos seus quatro lados vinte e duas tocheiras, muitas dellas de prata, e as mais douradas, e vinte e cinco cirios, a que correspondia quantidade de outras mais luzes, e toda de cera branca, que brilhavão nas mais partes, onde o permittia a mesma maquina, e nos Altares: tudo com tal ordem, que fazia mui formosa a apparencia.

No dia 19. de Dezembro às duas horas da tarde principiárão a dobrar todos os sinos das Communidades Regulares desta Cidade, das suas Paroquias, e Sé Primacial, e o seu sino grande por ordem especial do Diecesano, pois não costuma dobrar mais que nos funeraes dos Vice-Reis, e Arcebispos. Ao mesmo tempo se deo principio às solemnes Exequias de S. Eminencia, que cantárão os Religiosos do dito Convento, com musica a quatro coros, cantando-se tambem na mesma tarde as

Ma-



Matinas. Officiou o Vigario Geral desta sua Congregação, o M. R. P. Presentado Fr. Antonio de nossa Senhora, servindo-lhe de assistentes os seus Religiosos mais graves.

Na manhã seguinte, além de muitas Missas rezadas de mais de ordinario estipendio, que differão todos os referidos Religiosos, e Sacerdotes, que concorrêrão a esta funebre função, se cantárão as Laudes, e Missa, officinando tudo o mesmo Prelado, que tambem com os Padres mais graves da Ordem fizerão as Absolvições: depois do que recitou a Oração Funebre o M. R. P. M. e Deputado Fr. João do Pilar.

A este funeral assistirão os Vice-Reis deste Estado da India, os Illustrissimos, e Excellentissimos Senhores Marquezes de Tavora, Francisco de Assis e Tavora, e Dona Leonor de Tavora, devendo a memoria de S. Eminencia ao Senhor Marquez Vice-Rei o insinuar dias antes ao Reverendissimo Inquisidor Frei Guilherme do Rosario, lhe lembrasse o dia deste funeral, pois a veneração, que tivera sempre a S. Eminencia, e a attenção, que queria ter com os Ministros desta Inquisição, o obrigavão assistir a elle. Não se achou presente o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Arcebispo Primaz D. Antonio Taveira de Nava e Brum, como tinha determinado, por se achar molesto. Assistirão tambem o Conselho do Estado, e o supremo Tribunal da Relação,



e o Reverendissimo Cabido , conservando o Tribunal do Santo Officio , que tambem assistio em corpo , a distincção do lugar , que lhe compete , sem faltar ao que se devia aos que vinhão authorizar as honras do seu Eminentissimo Prelado. Tambem se achárão presentes os Prelados das Religiões , com quasi todos os seus Religiosos , muitos Ecclesiasticos seculares , e a principal nobreza desta Corte , pelos quaes se repartirão vélas de arratel de cera branca , tanto às Vesperas , como ao dia , fendo as dos Vice-Reis , que só assistirão no dia , de trez arrateis.

Os Reverendissimos Inquisidores , como tão obrigados à Religião de S. Domingos , mandarão entregar pelo Thesoureiro da Inquisição trezentos xerafins ao Prior do Convento , o R. P. Fr. Antonio da Conceição , pedindo-lhe que aceitasse aquella limitada demonstração do seu agradecimento , insinuando-lhe juntamente mandasse recolher toda a cera , e o mais , que fosse pé do Altar , o que o dito Prelado não aceitou , havendo-se com tal bizarria , que nem as vélas dos Altares quiz lhe ficassem , respondendo , que a sua Religião era tão beneficiada de S. Eminencia , que , por mais que obrasse em seu obsequio , lhe não recompensaria o muito , que lhe devia.



# ORACÃO

## FUNEBRE.

*Mortuus est. 1. Paralipom. 29. Non planges, nec plorabis, nec fluent lachrymæ tuæ: ingemisce tacens. Ezech. 24.*



RUEL fereza, que para augmentar a dor, depois de dar o golpe reprime o pranto! Cruel ferida, que por ser mortal, depois de penetrar o coração extingue o sentimento! V. Eminencia, Senhor, que na figura desse funebre obelisco nos está mostrando o estrago mais sensível da morte, nella mesma nos faz ver a funesta medida da nossa magoa, pois que conhecendo serem essas cinzas de V. Eminencia, em quem perdeu Portugal o maior Conselheiro, Roma a melhor Purpura, a Igreja a mais perfeita Mitra, e a Inquisição a sua mais alta Regencia, sóbe tanto a nossa dor, como pedem esse Colosso, e aquellas perdas; e se estes damnos nos causou a mor-



te , que mais nos podia fazer que extinguir as lagrymas , e suffocar a dor ?

Não basta , ò morte , que a tua fouce levasse de hum golpe aquella Planta , que copou tão alto , que por hum apice não chegou ao summo ? Não basta que a tua gadanha despedaçasse de hum impulso aquella Purpura , que fervindo do maior trofeo ao teu esforço , he o maior assombro do teu dominio : ( a ) *Nibil mirabilius , quàm quòd Romani morerentur ?* Não basta finalmente que a tua fereza acabasse de hum assalto aquella vida , em que respiravão tantas , quantas então se lhe união para defezas da Igreja , para reformas da Christandade , e para triunfos da Fé ; e quantas hoje se lhe ajuntão para os estragos de tua fouce , para a dor desse golpe , e para multiplicados sentimentos , mas ainda sobre tanto mal pertendes extinguir aquelle desafogo , que a natureza busca por alivio , e para remedio a saudade : *Non planges , nec plorabis , nec fluent lachryme tue ?*

Com estas reflexões suspenso parecia-me não atinar neste fatal systema com aquelle Maufoleo à vista : mas já se deixa ver qual será o designio da morte ; e sem offender o sentimento , quero pôr-me da sua parte a dar-lhe a razão do que pertende. Pertende pois a morte enxugar o pranto , porque aquelle estrago , e aquell-

---

( a ) Horm. apud Blut.



aquellas perdas não pedem menor sentimento. Razão. São as lagrymas tristes vozes , com que se defafoga a magoa , e respira a dor : *Lachrymæ pondera vocis habent* ; e quando o pranto calla , porque falta o defafogo , padece a dor desmaios , e só respira com gemidos ; e sendo esta a dor mais propria , porque a mais fina para os luçtos de hum funeral semelhante : *Ingemisce tacens* , (b) *mortuorum luçtum non facies* , estes são os luçtos , estes os lamentos , que só pedia este funeral , a quem respeita a mais fina dor.

Quem não notará na morte de David a falta daquelles prantos , que o sagrado Texto descreve pelas mortes de Moyfés , Samuel , Jofias , e de outros Heroes daquelles tempos , não bastando nem muitos dias , nem muitas lagrymas para aquelles dilatados epicedios ? Sim diz que David morrêra : *Mortuus est* , e ahi ficou : morreo , disse , e nada mais : *Mortuus est* . Eu lhe não acho razão , nem quem lha dê ; mas attendendo a que , não sem motivo , calla a Escritura de David o que dos outros com tanta expressão refere , persuado-me que a morte de David não teve prantos : fora aquelle Principe o mais amado do seu povo : (c) *Jerusalem , & Juda diligebat David* ; e tendo o amor as mesmas forças da morte : (d) *Fortis est ut mors dilectio* , amorteceo o amor a dor ,

---

(b) Ezech. ubi sup. (c) 1. Reg. 18. 16. (d) Cant. 8. 6.



dor, e com hum parocismo suffocando o pranto, lhe tirou a falla: por isso callou a Escriitura, porque emudeceo a dor. Morreo David, disse; e não dizendo mais, parece nos está dizendo, que com aquelle cadaver à vista parecia tudo o mesmo; e se em taes parocismos substituem os gemidos a voz das lagrymas: *Non planges, ingemisce*, estes são os luctos, estes os lamentos, que se reservarão para aquelle, e este funeral, porque hum, e outro respeita ao mesmo objecto da faudade, e do amor.

Ao mesmo objecto disse; porque sendo a morte sombras da vida, assim nestas sombras da morte se assemelhão estes dous Principes por aquellas semelhanças, com que na vida se parecêrão, para deixarem iguaes memorias à faudade, e iguaes extremos ao amor, e com que deixárão assim equivocadas a Regalia com a Purpura, a Coroa com o Sacerdocio, que sendo caracter de Christo, là teve David essa antonomasia. Havendo pois de discorrer das acções de hum por allegorias a outro, devo seguir o methodo do Ecclesiastico, que discorrendo nas acções de David defunto, fallou sómente dellas naquellas insignias, que servirão de brazões à sua fama. Cithara, baculo, e espada são as proprias divisas, que acho em David para as representações desta figura. Cithara para insignia da piedade; espada para emblema da justiça; e baculo para symbolo do amor, correspondendo estes trez attributos àquel-



quelles trez supprimidos prantos, que já se terão notado nas palavras do meu thema : *Non planges , nec plorabis , nec fluent lachrymæ tuæ* ; porque trez são os sentimentos, que concorrem a formar as nenias deste funebre apparatus. Sente a Igreja pela piedade : primeiro ponto. Sente a Inquisição pela justiça : segundo ponto. Sente a minha Religião pelo amor : terceiro ponto. E como não podem chorar, porque a dor não deixa para a expressão da magoa, callando a voz do pranto, dará cada hum o seu gemido : *Ingemisce tacens*.

### P R I M E I R O P O N T O .

**N**A sua pena dá o primeiro gemido a Igreja, porque a morte lhe quebrou aquella cithara, que na pessoa do Senhor Cardeal formava os mais sonoros cantos ao Divino. He a cithara symbolo da piedade: (e) *Pectus devotum significare*; por isso David, querendo psalmejar a Deos, formava a sua voz ao compasso desse doce instrumento: (f) *Pfallam tibi in cithara, Sanctus*. Neste ponto soou tão alto aquella animada cithara, como pedião as suas cordas, por serem do metal mais fino. Não sei que sympathias tem a virtude com o sangue, para este influir nella à proporção dos seus espiritos; sei sim que David, sendo tão conhecido

---

(e) Lauret. Sylv. Alleg. verb. *Cith.* (f) Psalm. 70. 22.



do no Palacio de ElRei Saul , e na Corte de Jerufalem , pela destreza do feu braço nas con-sonancias da sua cithara , là foi perguntado pela sua origem : (g) *De qua progenie es?* Sei que para os Hebreos seguirem os caminhos da perfeição , mandava-se-lhes que olhassem para o feu mais illustre progenitor : (h) *Attendite ad petram, unde excisi estis* : e Pallas para divinizar a certo infante , lhe deo a beber o proprio sangue nos peitos ; e Dedalo para elevar hum filho aos Ceos , bastou ministrarlhe os voos nas proprias azas. (i)

*Me pennis sectare datis, ego prævius ibo,  
Sit tibi cura sequi.*

Nesta parte não faltou ao Senhor Cardeal, para estímulos da maior perfeição na virtude, o illustre decóro desta prerogativa, porque de altos cedros sahio aquella Cunha, que deo àquella sagrada Purpura a antonomasia, e com que a maior fortuna podia suspender o curso à sua roda no disvelo de deslustrar profapias: porque vegetando a soberanos alentos aquella frondosa arvore, como quem recebêra o primeiro ser da Regalia, fervem as suas ramas de preciosas grinaldas às maiores grandezas, cujos fulgores, por não caberem, como os do Sol, em huma só esfera, là se espalhão por differentes Monarquias. He verdade esta, que não soffre equi-  
VO-

---

(g) 1.Reg. 17.58. (h) Isai.51. 1. (i) Ovid. lib. de art.



vocar-se com as ficções a lisonja, nem admitte cores distinctas daquelle purpureo sangue, que a duas linhas, sem emulações de differença, corre tão puro, e limpo desde o Senhor Rei D. João II. de Portugal, e D. Fruela II. de Leão, Galiza, e Asturias. Aquelle, a quem deveo o nosso Reino nas alianças com o seu primeiro Monarca especial empenho na sua Conquista, talvez porque o Ceo queria que tivesse nelle parte do conflicto, quem a havia de ter na gloria da sua Real descendencia, que para ser gloria grande, lhe bastavão aquelles dous Heroes, que nas suas proezas, e memorias fizeram cançar o clarim da fama: hum Nuno da Cunha, que governando este Estado, lhe deo os maiores creditos, deixando nelle para eterna gloria do seu nome aquelle invencivel propugnaculo, que em Dio levantou o seu esforço, e a sua idéa com assombro da arte, para insuperaveis obstaculos ao maior poder; e outro, que por não caber na maior grandeza, a que podia chegar a maior gloria, depois de se assinalar no mar, e na terra, lá foi encher de espanto a cabeça do mundo, quando Roma vira aos seus pés aquelles riquissimos despojos, que a Asia lhe tributava, Portugal lhe offerecia, e Tristão da Cunha lhe levára por premio do seu valor, que nelles fora o mais distincto. E para ser gloria summa, lhe sobejava aquella gerada Purpura tão proxima à suprema Tiara, e tão intima à sua coroa, que por recta



varonía he o Senhor Cardeal seu vigesimo esclarecido neto.

Assim pois formado deste metal o sonoro daquella cithara , logo a primeira voz foou para Deos , porque recusando o Senhor Cardeal outro qualquer estado , que lhe podia caber com grandeza , escolheo o Ecclesiastico , como quem ponderava que fó com o psalterio faz consonancias a cithara : (1) *Psalterium jucundum cum cithara* : como quem fabia que fó se ajustava a Divinos compassos aquelle doce instrumento , quando acompanhava psalmodicos canticos : (m) *Pfallam tibi in cithara, Sanctus*. Neste estado se achava o Senhor Cardeal , neste ponto foava aquella cithara , quando logo foi aggregada às Igrejas de Coruche , e de Coimbra , para nellas formar a coros o mais sagrado , e harmonioso plectro ; mas porque naquelle estado , ou naquelles coros não foava tanto o fino metal daquelle instrumento , là se formou de alto huma voz para o fazer subir de ponto , e foi quando o Senhor Rei D. Pedro II. nomeou ao Senhor Cardeal para Bispo de Elvas ; porèm aqui parece que desafinou , porque não subio , recusando o Senhor Cardeal aquella Mitra , e conservando-se no mesmo estado , para continuar em ponto baixo naquelles coros os seus mais humildes canticos. Mas não , não desafinou ; porque ficando neste

pon-

---

(1) Psalm. 80. 3. (m) Suprà.



ponto, e não subindo àquella voz, não foi de concerto, foi discanto, em que a consonancia mais se anima.

Cuidou aquelle espirito, que não tinha forças para sustentar o pezo daquella grande dignidade; mas com esta consideração avultarão mais as suas forças, e conheceo-se melhor o seu espirito. Encobre-se o Olympo com as nuvens, mas por isso mesmo se sabe que sobre ellas sóbe. Esta propriedade tem a virtude; a mesma humildade, que a faz descer, a faz subir; o mesmo pezo, que a declina, a levanta: (n) *Qui se humiliat, exaltabitur*: assim como se verificou no Senhor Cardeal, que fugindo de huma Mitra, o foi buscar outra, a que já não pode resistir; porque elegendo-o o mesmo Soberano para seu Capellão Mór, aceitou com esta dignidade a de Bispo titular de Targa. Não foi isto perder o animo, não foi degenerar na virtude, foi sim desempenhar-se o Divino Oraculo: foi verificar-se aquelle Vaticano à maneira daquelles Heroes, que pizando Mitras vestirão Purpuras, assim como succedeo ao Senhor Cardeal, que não só cingio aquella Mitra, mas em pouco tempo passou logo a vestir a Purpura, que o Papa Clemente XI. lhe conferio por nomina do Fidelissimo Senhor Rei D. João o V. de saudosa, e immortal memoria; e para que mais subisse, sem ainda pas-

G ii

far

---

(n) Luc. 14. 11.



far mais adiante , das mãos deste Monarca recebo com apparato no seu Palacio o Cardinalicio barrete , brilhando desta sorte muito mais o rubim daquela Purpura , porque tocado do Sol se coroava dos seus mais intensos fulgores: (o)

*Sole tamen tactus clariùs inde micas.  
Fortunate lapis , cui se natura probavit ,  
Et patrium intendit magnus Appollo decus.*

Agora que me convidava as atenções o sublime plectro desta cithara no sagrado das suas consonancias , me faz suspender aqui hum novo conceito , com o qual , sem profanar o culto , soa tambem no politico : antes neste novo emprego se accommodão melhor as semelhanças de sua representação , e figura , servindo para o Palacio , assim como para o Templo : sendo que parece não se differença aqui o Templo de Palacio pela fórma do sagrado , ou pela reforma de espirito: (p) *Ut similitudo Templi: (q) Adformam Palatii*; e nesta consideração bem se deixa ver quaes ferião as vozes daquela cithara , só então mais bem applicada que à de David , quando occupada na Corte para as assistencias a huma Magestade , que com regio , suave , e superior espirito a buscára para refocillações da sua coroa , ou para alen-

---

(o) Plin. apud Picin. Mund. Symbol. lib. 12. num. 28.

(p) Psalm. 143. 12. (q) Malv. sup. Psalm.



alentos, alivio, e recreação de sua Monarquia. Bem o mostrou o Senhor Cardeal, assim como já o mesmo Soberano o previa; pois que nomeando-o por hum seu Decreto para Ministro do seu Conselho de Estado, e do seu despacho, no exercicio de tão altas occupações desempenhou o acerto à proporção do designio; e satisfazendo plenamente com nimio zelo, applicação, e vigilancia a todas as acções do seu ministerio, de forte que parecia só para ellas reservára todo o seu estudo, e o tempo, se fez o Senhor Cardeal senhor dos corações de todos os vassallos daquelle mesmo Monarca, que para lhe augmentar os meritos, desde que principiou a pôr-lhe os olhos, enchia de occupações os seus talentos, e para felicitar em longo tempo o seu imperio, delegára o governo àquellas mãos, que nunca declinarão na equidade para a parte direita, ou esquerda: (r) *Nec declinet in partem dextram, vel sinistram, ut longo tempore regnet ipse.* Esta fim, que foi aquella cithara, a que se ajuntou o raio de Jupiter, para descansar seguro na harmoniosa regencia do Universo. Foi aquella cithara, que Othoberto appendeo a hum forte braço para firmeza, e extensão da regalia na observancia das leis, e na concordia dos subditos. Foi aquella cithara, que Picinello suspendeo a huma fecunda arvore com a letra:

(s)

---

(r) Deuter. 17. 20.



(s) *Dulcedo transiit*, para deleite de todos, e universal harmonia, reservando para si as penas, à maneira daquella arvore desentranhada em sabores para o proveito commum, e a beneficio alheio, sem deixar para si o menor fruto; porque em fim foi cithara, cujas cordas fazia soar a penna mais veloz na expedição, e mais firme na igualdade, porque sempre soava a compasso pelo guião da justiça; foi cithara, que nunca defafinou nos pontos da mais importante politica, ordenada ao bem commum, e às leis de Deos, porque as suas consonancias erão por profissão, e por esmero Divinas: (t) *Pfallam tibi in cithara, Sanctus.*

Assim soava esta cithara, assim regia este primeiro Ministro, quando a morte de Clemente XI. o fez chamar de Lisboa a Roma para suffragar na eleição do Summo Pontifice. Então vio Roma aquella Purpura, que tanto tinha de sua, e tanto lhe era propria, como vira naquellas acções tão distinctas, com que lhe desempenhava o nome, que por occulto destino, e por superior idéa à da sua etymologia, se deixa equivocar por inversão litteral com a dicção do amor, talvez assim imposto com presagios a quem havia de ser Metropole da Fé, a que só a caridade póde dar alentos, em quem havia de ser Oraculo de Divinos preceitos, que só com o amor se cumprem:

por-

---

(s) Picin. Mund. Symb. lib. 22. n. 23. (t) Suprà.



porque então vio Roma naquella Purpura com affombro o fogo de amor nos primores de caridade. Sirva huma acção, a mais distincta desta virtude, para dar luz de todas. He costume daquella Curia festejarem os Ministros Estrangeiros os annos dos seus Soberanos com grandes despezas em faustos, e divertimentos politicos: chegou a este Purpurado Ministro o seu dia de festejo naquelle, em que se multiplicavão os annos da vida ao seu Monarca, e quando toda Roma esperava por huma acção de gozo nunca vista, assim lhe succedeo como esperava, mas não como suppunha: porque trocando o Senhor Cardeal nesse dia com politica do Ceo o estylo da Curia em demonstrações da caridade, mandou repartir com os pobres grossas esmolas, recommendando-lhes que rogassem a Deos pela vida do seu Soberano, por cuja tenção se lhes fazia aquelle beneficio, gastando nisto muito mais do que podia em outras acções de jubilo menos Catholico, por aquelle tão superior motivo.

Isto fim, que he saber estimar a vida do seu Rei. Isto fim, que he saber grangear-lhe mais annos da vida: (u) *Date, & dabitur vobis.* Fazia dos seus thesouros aquelles despendios, para que se conservasse naquella vida outro de incomparavel valor, e para a sua estimação do maior apreço: (x) *Thesaurizate*

vo-

---

(u) Luc. 6. 38. (x) Matth. 6. 20.



*vobis thesaurum non deficientem*; e alli vio Roma como no fogo da caridade se desempenhão os timbres da Purpura, e que esta fora nestes primores a mais politica, e a mais distincta a milhares: (y) *Dilectus meus candidus, & rubicundus, electus ex millibus*; e tambem vio que, se a pobreza de Alexandria se applicava ao uso de huma cithara para alivio, e para desafogo da miseria: (z) *Ut etiam pauperrimus quisque eam pulsare nosset, & inopiæ tedium hac velut modulatione falleret*, a miseria dos seus pobres achou naquella cithara aquelle uso com melhor satisfação ao seu alivio; e não foi preciso que para isso rogasse o pobre, e pedisse com o pão a cithara, como là fizera o desamparado, e perseguido Gilimer no monte Pappua: (a) *Inde sibi panem mitti petiit, & citharam*; porque ao seu mesmo desamparo, e ao seu retiro o foi buscar esta cithara com o soccorro, e com o sustento, em que consiste a maior perfeição da caridade: (b) *Oculi ejus in pauperem respiciunt; & palpebræ ejus interrogant.*

Estas, e outras acções semelhantes dignas de memoria sem dúvida merecêrão que o Papa Innocencio XIII. lhe conferisse o titulo de Santa Anastasia: e não sei distinguir qual recebêra maior graça, se aquella Purpura, ou este titu-

---

(y) Cant. 5. 10. (z) Theat. vit. hum. verb. *Cith.*  
 (a) Procop. 1. 4. Vandal. (b) Psalm. 10. 9.



tulo , quando vejo que ao receber o Senhor Cardeal esta honra , logo fez restaurar à sua custa aquella Basilica ; mas em fim , por mais que não quizesse , là lhe ficou levantado aquelle padrão da sua piedade, e grandeza, para fazer memoravel naquella Purpura este titulo: (c) *Erexit lapidem in titulum* ; mas não ha que admirar, por ser aquella Purpura animada cithara sempre applicada a Divinos cultos , que mais afinarão , quando na celestial Casa do Loreto deixára o Senhor Cardeal por divisa do seu amor àquella Senhora huma riquissima Cruz de ouro ornada de preciosas pedras , e hum custoso ornato do mesmo sobre lapis lazuli, que lhe cerca o nicho. Aqui fim, que afinou altamente este instrumento : porque sendo o amor mestre da musica : (d) *Amor musicam docebit* , foi o amor aqui quem regeo o compasso , e da sua mão fez soar aquellas cordas, que do coração se derivão , porque no coração do Senhor Cardeal era aquella Senhora o maior emprego do seu amor. De Apollo disse Ovidio , que huma só virgem lhe levava as atenções da sua lyra: (e)

*Leucothoen spectas, & virgine figis in una.*

Se aquella eleição tivera os acertos desta, fora a mais discreta, e Divina, por ser esta Virgem na formosura , e na graça unica:

H (f)

---

(c) Gen. 28. 18. (d) Plutarc. in Pub. (e) Ovid. Metam.



(f) *Una est*: por isso este sagrado Apollo com singular amor em seu obsequio fazia soar as suaves consonancias da sua lyra. Mas oh! que por destino fatal não nos restão agora della mais que as penas, porque em cinzas se tornou aquella Purpura. Quebrou-se em fim aquella cithara, que na piedade servia de harmonias à Igreja, e indo esta a soltar o pranto, o suffoca a dor, que a gemidos respira: *Non planges: Ingemisce.*

## S E G U N D O P O N T O.

**N**A sua dor dá o segundo gemido a Inqui-  
sição, porque a morte lhe embotou os  
fios àquella espada, que na mão do Senhor  
Cardeal era timbre da justiça: (g) *Gladius  
justitiam designat.* Sabido he o que he justiça,  
e ninguem ignora aquelle esméro, com que a  
justiça sempre se mostra constante, e perpetua  
nos Tribunaes da Fé, servindo-lhe aquella  
Cruz de equilibrio às suas balanças, porque  
nella sómente se põe os olhos para reparar no  
maior pezo ou da espada, ou da oliveira, e  
para se livrarem os seus juizos daquelles laços,  
em que a justiça degenera: (h) *Oculi mei sem-  
per ad Dominum, quoniam ipse evellet de la-  
queo pedes meos.* E sendo este o continuo des-  
empenho daquelles Tribunaes Apostolicos, por  
au-

---

(f) Cant. 6. 8. (g) Laur. Sylv. Alleg. (h) Psalm. 24. 15.



auxilio superior daquella palavra, que prometteo não prevalecer o Inferno à sua Igreja, com tudo o mesmo Deos, que lhe assiste com os auxilios, lhe deo os maiores Prelados para os dictames, e para os exemplos, porque nestes exemplos, e naquelles dictames consiste muita parte daquella justiça. Não desmente Heliotropio na regularidade dos seus naturaes movimentos, porque segue o curso do Sol, Planeta nunca errante, que com as suas luzes, e com o proprio gyro o leva em seu seguimento, servindo por isso hum, e outro com universal conceito do mais proprio jeroglyfico no Prelado, e no subdito para a imitação, e para o exemplo com as letras, que o Symbolico lhe applica: (i) *Circum moveor tecum: dirigor ad motum*; sendo que mais facil feria, se facil fora, não seguir o gyrafol a luz do seu Planeta, e errar a natureza naquelle influxo, que deixar de ser o Prelado, e o Principe norma, e exemplo: (l) *Facilius quippe est (si dicere fas est) errare naturam, quàm dissimilem sui Princeps possit formare*. Esta he a razão, por que Deos ordenára que o Supremo Sacerdote ornasse a extremidade das suas vestes com campainhas: (m) *Mixtis in medio tintinnabulis*, para fazer estrondo com os passos, e levar atrás de si as atenções dos subditos.

H ii

Não

---

(i) Picin. Mund. Symb. lib. 11. n. 65. (l) Cassiod. 3. variar. 12. (m) Exod. 28. 23.



Não pode soar em público o estrondo daquelle ornato, com que o Senhor Inquisidor Geral provocava as atenções dos seus Ministros, porque aquellas campainhas quando soão fazem callar, e sempre tocão com segredo; com tudo, sem se descubrir o segredo, bem se póde perceber aquelle estrondo, e conhecer a rectidão, e qualidade da sua justiça, com que satisfazia a propria obrigação, e dava exemplo. Era este Eminentissimo Inquisidor de coração tão terno, e tão inclinado a commiseracão, que mal podia empunhar a espada da justiça para cortar com ella, que lhe não penetrasse primeiro o coração: empunhava sim aquella espada para cortar por hum reo, porque Deos assim o mandava; mas para a sua dor era aquelle golpe como o de Abrahão, que despedaçava hum filho, e cortava por si mesmo: (n) *Patris erat tota passio*; ou para dizer mais proprio, e com conceito mais adequado à satisfação daquelle ternura, era como se fora mãe daquelles mesmos, a quem olhava como Juiz: (o) *Me putate matrem esse animarum vestrarum*; por isso não só cuidava logo como mãe em acudir com o reparo à cizura daquelle candida veste, que recebêrão na Fé pela graça do Baptismo, para não apparecerem com macula, ou ruga no Tribunal do Juiz Divino: (p) *Ita vos velle componere, ut in vobis nec*  
ma-

---

(n) S. Basil. Sel. (o) S. Aug. Hom. 26. (p) S. Aug. ibi.



*macula, nec ruga possit ante Tribunal æterni Judicis apparere*, mas os mesmos castigos dos seus erros erão golpes, que o ferião na alma: e póde fer, que antes quizera perder aquelle nome de mãi, que pela sua vontade expôr hum filho aos estragos de hum cutello. He verdade que na mão tinha a vara como Juiz para o castigo, mas là no peito se lhe conservava huma maternidade compassiva: (q) *Licèt virgam teneat manu justæ districtiõis, in pectore tamen gerebat ubera maternæ compassionis.*

Nesta supposiçãõ deixem-me agora figurar hum caso, que a todos comigo póde occorrer. E que faria este Prelado Inquisidor com este genio de tanta piedade, e brandura naquelles casos, em que o direito deixa lugar às opiniões, para serem differentes huma de favorecer, outras de condenar: humas para livrarem hum reo, outras para lhe matarem hum filho? Não tem resposta, pois já se deixa ver o que faria, e bem claro está, no que está supposto, que para o seu juizo ferião sómente seguidas as opiniões mais favoraveis, e póde fer que mais proveitosas: porque sendo a justiça do Santo Officio ordenada não fó a castigar peccados, mas a reconciliar penitentes, a emendar reos, e a converter peccadores, deve unir-se com a clemencia, para não degenerar do seu principio, e para conseguir aquelle effeito,

---

(q) S. Bern. Sen. tom. 2. Serm. 16. cap. 3.



to, que he o melhor effeito da justiça: por isso a primeira figura della, que Deos mostrou ao mundo, foi aquelle Querubim, que com huma espada de fogo na mão collocára à porta do Paraizo: (r) *Collocavit ante Paradisum voluptatis Cherubim, & flammeum gladium,* (s) em cujo nome se forma a expressão daquelles quatro enigmaticos viventes, homem, leão, vitulo, e aguia, como se de todos tivera as qualidades, e naturezas para nelle se unirem, e modificarem o furor do leão com a brandura do vitulo, a condição de homem com a superioridade da aguia, a justiça com a piedade, a ternura, e a punição: (t) *Sit amor, sed non emolliens; sit rigor, sed non exasperans; sit zelus, sed non immoderatè sæviens; sit pietas, sed non plusquàm expedit parens.*

Assim o mostrava, e assim era a justiça daquelle Principe Inquisidor, e com ella dando exemplos, e dictames aos seus Ministros, sem dúvida que naquelle caso lhes diria: Esse reo, que pelas suas culpas está propinquo à fogueira, e lhe está imminente para o ultimo golpe a espada da justiça, tendo lugar a piedade, piedade, meus Ministros, compaixão, e misericordia será o acordo das vossas sentenças, será o despacho dessa causa, porque não quero que esse miseravel morra, mas sim que se

---

(r) Gen. 3. 24. (s) A' Lap. Comm. in Exod. cap. 25.

(t) S. Bernard. Sen. suprà.



se converta, e que viva: (u) *Nolo mortem impii, sed ut magis convertatur, & vivat.* Tirou o Senhor Cardeal Inquisidor estes documentos da boca, e do coração de Deos, a quem naquelle lugar substituiu, e perfeitamente imitava: e com elles satisfazendo à sua natural brandura, e clemencia, igualmente que à justiça, recommendava este mesmo exemplo aos seus Ministros: (x) *Discite à me, quia mitis sum;* por isso a espada, que levantava por timbre da justiça, e por hyperbole do zelo de hum Inquisidor Apostolico, era espada de fogo de hum Querubim, que lhe defendia a porta à sua Igreja: ou para não desmentir do seu original, era espada propriamente de David, que tantas semelhanças tinha com o coração de Deos por natureza brando: (y) *Inveni virum David secundum cor meum: Mitis sum;* era espada, que là sahio do cinto do mesmo infiel, a quem cortára a cabeça; era em fim espada, que não cortou sem primeiro prostrarem aquellas pedras, que tendo por alvo a razão, primeiro canção o braço para fazerem os tiros à cabeça, e para reduzirem obstinados, que empunhe o ferro para dar o golpe. Nestas pedras se achão figurados por definição Apostolica os Ministros da Fé: (z) *Ipsi tanquam lapides vivi:* vivas pedras, e muito limpas: (a) *Lim-*  
*pi-*

---

(u) Ezech. 33. 11. (x) Matth. 11. 29. (y) Act. Apost. 13. 22. (z) 1. Petr. 2. 5. (a) 1. Reg. 17. 40.



*pidissimos lapides* ; e queria o Senhor Inquisidor Geral que todos se empregassem , como tem por officio , em reduzir , convencer , e prostrar até àquelle ponto , em que a espada cortasse , onde não pudesse caber a commiserção , porque , a caber , ficasse muito embora na mão a espada para o terror , não para o castigo , para maior demonstração da clemencia , e para maiores triunfos da Fé.

Agora se verá , se com razão , e verdade se podia dizer deste paternal Juiz , deste benigno Pastor , que no mugir da ovelha lhe tirasse o sangue ; veção como nelle se podião compadecer excessos de rigor com genio de piedade , e com sistemas de brandura : porque ainda que houvesse caso , em que aquella Purpura abrazada no fogo de Elias fulminasse incendios para consumir delictos , e para abrazar Profetas falsos , e supersticiosos , nem por isso haveria que dizer , ainda que fosse para admirar , quando para semelhantes casos já se vio a agua convertida em fogo , como succedeo a Nehemias :  
 ( b ) *Accensus est ignis , ita ut omnes mirarentur* : primeiro fora fogo convertido em agua :  
 ( c ) *Non invenerunt ignem , sed aquam* ; depois , porque o caso o pedio , converteo-se a agua em fogo , que não só abrazou as victimas , mas tambem as mesmas pedras , que estavam proximas ao holocausto , e ao Templo. E quantas  
 aguas

---

( b ) 2. Machab. 1. 22. ( c ) 2. Machab. 1. 20.



aguas talvez sahirião dos olhos de muitos, como là da cisterna de Jerusalem, para se accender aquelle muito fogo, que, supposto fora todo agua para lavar com brandura manchas, e para extinguir com piedade culpas, conservava sempre aquella sobrenatural virtude, para se accender de novo em chamma para abraçar, e consumir delictos?

Nenhum Juiz houve, nem póde haver mais brando, e mais compadecido que Christo, que com entranhas de misericordia se constituiu Juiz do mundo: e com tudo isso houve dia, houve caso, em que o zelo lhe fez empunhar flagellos para castigar delictos, e emendar defacatos naquelles, que pelos seus negocios, e sacrilegas conveniencias profanavão o sagrado, e o Templo. O Templo, e o sagrado, que para acções da virtude, para exercicio da penitencia, e para salvação das almas se estabeleceo entre os fieis, convertido em praça de negocios, e em abyssmo de sacrilegios, a mesma paciencia o não soffre, a mesma piedade se irrita, para lhe dar sem demora com o maior rigor o mais importante remedio, sem perdoar, nem attender ainda à innocencia daquelles cordeiros, que ministravão a materia àquelles sacrilegios, e àquellas ganancias, porque tudo comprehendendo o rigor daquelle flagello: (d) *Et cum fecisset quasi flagellum*  
I de

---

(d) Joann. 2. 15.



*de funiculis, omnes ejecit de templo, oves quoque.* Assim se converte a piedade em furor, o zelo em ira, e a agua em fogo, quando assim impõta para se conservar o respeito, e o temor a Deos, e para se não arruinar a Fé, e a Igreja. Oh! e como se arruinarião sem dúvida aquellas altas muralhas, que Apollo là do Ceo edificou com tanto empenho, e a fedição dos Gregos pertendeo arruinar com fingidas traças, se aquelle aquario Nume com o seu tridente não acudisse à defeza insuperavel daquelle tão alto, e Divino edificio! (e)

*Cumque tridentigero tumidi rectoris profundis*

-----  
*Stabat opus.*

Oh! e como crescerião as forças, e os estragos daquelle agigantado monstro com hum sequito infiel, e destemido, se aquella espada de David lhe não arruinára as forças, cortando-lhe a cabeça! Corraõ pois agora outra vez dos olhos aquellas aguas para se derramarem sobre aquella Pyra: porque ainda que cà ficção àquelle Eminentissimo Inquisidor vivos retratos como filhos do seu espirito para defezas da Fé, para normas da Christandade, nessa mesma semelhança se aviva mais a faudade para o sentimento, ainda quando na triste cor, no melancolico semblante, e amortecido aspecto



cto deffas meffmas imagens, fe deixão perceber aquelles ais, que por aquella perda lhe faz dar a dor, porque hum deliquio lhes fuffoca o pranto: *Non plorabis: Ingemisce.*

## T E R C E I R O P O N T O.

**N**A sua magoa dá o terceiro gemido a minha Religião, porque a morte lhe quebrou aquelle baculo, que naquella Purpura respeitava, e reconhecia symbolo do amor: (f) *Baculus præterea designat charitatem.* Sim. Tu es agora, ò Sagrada Religião minha, quem em mudos prantos estás dando gritos, porque com razão não podes supportar o rigor daquella ferida, que te abriu no peito a morte, quando te quebrou nas mãos aquelle baculo, que sendo para as tuas honras vara desmarcada, e forte, era para as tuas glorias baculo de delicias: (g) *Virga fortis baculus gloriosus.* Sei eu que para hum dos Profetas explicar a maior dita, que havia de gozar o povo Hebreo, là lhe levantou hum baculo semelhante por figura: (h) *Et viri baculus in manu ejus;* e outro com igual conceito para lhe prognosticar a maior afflicção, usou da fracção de hum baculo por hyperbole: (i) *Conteram in vobis baculum.* Jactar pois se póde a morte de que na

---

(f) Laur.Sylv.Alleg. (g) Jerem. 48. 17. (h) Zach. 4. 8.  
(i) Ezech. 5. 16.



fracção deste baculo apurou contra ti o seu furor : (1) *Virga furoris mei baculus ipse est*; porque cortando aquella vida , a cinzas reduzio as tuas glorias , que agora trocadas em gemidos , sabem expressar melhor as tuas penas.

Neste ponto , ou neste mudo pranto bem pudera agora fazer pauza , ou termo , se não a dor , a expressão : porque sobre dizer melhor , quando assim se explica , nada póde dizer , que se não faiba. Esse era o primor daquelle generoso Principe : esse o ardor daquella abrazada Purpura no amor à minha Religião Sagrada , fazer-lhe o beneficio , e publicallo : ter-lhe amor , e não o poder occultar. He verdade , que a lei da caridade , e estylo da beneficencia manda occultar , e esconder a mão , que faz o bem , ou já para se não perder o valor na virtude , ou para não degenerar o espirito da generosidade ; porém não se entende isto assim , quando a ostentação do beneficio he demonstração precisa da fineza , ou testemunho público da honra , que por isso quem melhor praticou huma , e outra politica , e ensinou ambas , mandou que se publicassem os mimos da sua beneficencia , e as finezas do seu amor : (m) *Euntes renuntiate quæ audistis , & vidistis*. Embora que se possão occultar os affectos do animo , que as paixões do amor , por mais que se queirão esconder , como não cabem no peito,

---

(1) Isai, 10. 5. (m) Matth. 11. 4.



to , não as póde o coração encubrir. Aquelle abrazado Serafim , vivo retrato do amor , que com seis azas mostrava as espirituaes occupa-  
ções da sua intelligencia , por mais que se en-  
colhesse , e se fechasse com as azas dos pés , e  
da cabeça , não pôdia encolher as dos braços ,  
e descubria o peito.

Occasião houve , em que o Senhor Car-  
deal não podendo conter dentro do peito a-  
quelles affectivos desasocegos , com que o co-  
ração em continuo moto lhe perpulsava no a-  
mor à Religião de S. Domingos , rompeo na  
maior expressão , a que podia chegar por ex-  
tremofo : e foi o caso , que achando-se hum dia  
em falla com algumas pessoas Religiosas , duas  
dellas da maior distincção do Reino , huma da  
Sagrada Companhia de Jesus , Confessor , que  
fora do nosso Fidelissimo Rei , e Senhor , que  
Deos guarde , e outro da Sagrada Religião  
Augustiniana , hoje Excellentissimo Arcebispo  
de Evora , e fallando com estas sobre a minha  
Religião , lhes disse assim : „ Padres , esta Re-  
„ ligião he minha , a minha Religião he esta :  
„ a todas venero , amo , e estimo como devo ,  
„ porque todas fervem a Deos , e fervem de  
„ defeza , decóro , e formosura à sua Igreja ,  
„ mas esta para a minha devoção he a mais dif-  
„ tincta , e para o meu amor a mais estimada ,  
„ porque em fim a estimo , e devo estimar co-  
„ mo minha. „ Larga reflexão me pedião ago-  
ra estas palavras , se pudera caber no tempo ;  
mas



mas permitta-se-me fazer algumas perguntas, que se não podem escusar ao reparo.

Esta singularidade de amor será por ventura, porque a minha Religião deveo ao Senhor Cardeal de muitos annos hum intimo trato, com que parecia trabalhar a inclinação contra o destino, que lhe estorvava abraçar aquelle instituto, e fazia equivococar as profissões? Póde ser, porque já houve quem mudou o nome fó por querer prevalecer às forças do Ceo: (n) *Non vocaberis ultra Jacob, sed Israel.* Será tambem, porque os costumes, que tirou daquelle trato, lhe derão huma semelhante natureza? Póde ser, porque só pelo trato, e comunicação em sagrados empregos, e espi-tuaes exercicios chegou já a transformar-se em hum vitulo huma intelligencia: (o) *Facies uni, id est facies Cherubim.* Será finalmente, porque nelle influia aquelle espirito Apostolico Inquisidor, que lhe communicára o primeiro, que vio o mundo, razão, por que sem lhe vestir o habito, se reputava Dominico? Póde ser, porque só o espirito de Elias fez que o Baptista fosse outro Elias, ainda sem lhe vestir o habito como Eliseo: (p) *Ipsè est Elias.* Em fim tudo isto seria, mas nada disto fora, senão fora o amor, que sendo vinculo de uniões tão apertadas, que chega a conglutinar as almas,

e a

---

(n) Gen. 35. 10. (o) Ezech. 10. 14. Versione Arabica.  
(p) Matth. 11. 14.



e a identificar os espiritos, pareceo, e queria o Senhor Cardeal que parecesse esta Religião todo o seu espirito, como là parecêrão Jonathas, e David pelo amor huma só alma : (q) *Conglutinata est animæ Jonathæ anima David.*

E se as finezas, com que o amor se affinala, são os alentos, com que respira, respirava aquelle amor, quando lhe sahião do coração aquellas palavras, que bastavão para dar a conhecer as suas finezas, sendo huma dellas crear de novo mais hum lugar de Deputado à minha, ou à sua Religião na Inquisição de Lisboa, que a não ter esta fineza de sociedade outras muitas, poderia jaçar-se singular pela mesma razão de ser para esta Religião por multiplicada mais commua. Já ha muitos seculos, que a Religião Dominicana gloriosamente se jacta de ser naquelles lugares singular, e unica, unica, e singular a todas, singular, e unica para si; porque não contava mais que hum só Ministro em cada lugar até chegar ao supremo Conselho, e já então podia dizer com gloria unica, e singular honra : (r) *Singulariter sum ego*; mas olhando depois para aquelle amor, que deveo àquelle Principe, e fallando só de si comfigo, podia já ha muitos annos dizer mais, e accrescentar : (s) *Donec transeam*, porque esse amor já então lhe prognosticava o mesmo, que depois víra nessa mesma singularida-

---

(q) 1. Reg. 18. 1. (r) Psalm. 140. 10. (s) Psalm. ipse.



dade multiplicada: (t) *Multiplicavit me.* Forte amor! E bem póde fer que fosse tambem emulação, que he predicado inseparavel do amor: (u) *Fortis dilectio: dura æmulatio.* Sim, he certo que o amor assim o prognosticava, e certo estava, que assim o faria, e mais que fosse, porque era poderoso, e forte: mas talvez que aquelle mesmo anticipado impulso para obrar esta fineza creasse nelle maiores forças por força da sua emulação, e de hum novo estímulo, a que o provocára hum oraculo sentencioso, e supremo. Explico-me.

Naquella conjunção, em que de huma vez se repartirão pelo nosso Reino, e suas Conquistas muitas Mitras, que muitas das suas Religiões levárão, vendo o Senhor Cardeal que nesta distribuição não tinha por então a sua Religião aquella parte, que lhe cabia na igualdade de meritos, e de talentos com as outras, chegou a fallar ao Soberano, e lhe disse: „ Senhor, a Religião de S. Domingos, que já „ V. Magestade sabe, he minha, pois lhe tenho merecido a honra de a tratar sempre comigo por este nome, tambem he de V. Magestade, como tambem com honra singular „ lhe chama; antes a fallar o que devo, e he „ notorio, maior parte tem V. Magestade nella, porque o que em mim he inclinação, he „ em V. Magestade parentesco; a mim provo-  
„ ca-

---

(t) 2. Reg. 22. 36. (u) Cant. 8. 6.



„ ca-me a sympathy , a V. Magestade o fan-  
 „ gue , que naturalmente não póde deixar sem  
 „ beneficio , e sem augmento as partes , por  
 „ onde corre , e pela propria inclinação pro-  
 „ pende a avultar o que he feu. Bem vejo que  
 „ só esta honra incomparavel estimará ella mais  
 „ que tudo , e que não tem que invejar na-  
 „ quellas , que V. Magestade faz agora às ou-  
 „ tras , assim por este motivo , como porque  
 „ já perdem nella o algarismo as Mitras , não  
 „ sendo poucas as que no feu mesmo Reino  
 „ atè agora conta : e tambem porque não póde  
 „ perder aquellas esperanças , que lhe dá o amor,  
 „ e a estimação de hum Rei , que he tanto feu.  
 „ Mas , Senhor , se como digo , e V. Magesta-  
 „ de sabe , esta Religião he minha , busco pa-  
 „ ra mim mesmo esta honra ; e sendo de V. Ma-  
 „ gestade tambem , bem he que V. Magestade  
 „ lha faça , e que não lhe dilate por mais tem-  
 „ po tão bem fundadas , e tão justificadas es-  
 „ peranças. „ A isto respondeo aquelle magna-  
 „ nimo , e sempre memoravel Monarca deste mo-  
 „ do : „ Cardeal , a nossa Religião logra no meu  
 „ Reino a maior honra que todas , com o lu-  
 „ gar , que ella só tem na Inquição : para hon-  
 „ ra singular esta lhe basta. „ Com esta res-  
 „ posta ficou o Senhor Cardeal satisfeito , posto  
 „ que não o feu amor , que tendo propriedades  
 „ do fogo , não admitte satisfação : (x) *Nunquam*

K

di-

---

(x) Proverb. 30. 16.



*dicit: Sufficit*; e ainda que chegou a ver depois na sua Religião em dobro o mesmo, que para ella com tanto disvelo procurava, nas Mitras do Grão Pará, e de Malaca, porque em fim não podião enganar-se aquellas esperanças, para não descontentar o desejo, e satisfazer ao feu amor, augmentou o numero àquella singularidade, e multiplicou aquella mesma honra, que no conceito, e na estimação de hum Rei he a maior de todas.

Assim se encurvava este baculo ao pezo do amor para despendios da beneficencia, e para demonstrações da generosidade, quando (oh cruel Parca! oh amarga morte!) separado do corpo aquelle espirito, se separou deste mystico corpo aquella alma: (y) *Siccinè separas amara mors?* E para que se visse que o Senhor Cardeal era todo nosso, como era toda sua esta Religião Sagrada, tambem lhe deo o feu corpo por ultima fineza do feu amor, e porque tambem pela mesma razão lhe tocava: (z) *Ubi est amor tuus, ibi omnia tua clauduntur, & continentur.* Dispoz que no nosso cemeterio descançasse o feu corpo, porque esta Religião era para a propensão do feu amor o feu centro: (a) *Hæc requies mea in sæculum sæculi, hîc habitabo, quoniam elegi eam:* e porque só na união acha para si o amor o feu des-

---

(y) 1. Reg. 15. 32. (z) Sylv. tom. 2. pagin. 186.  
 (a) Psalm. 131. 14.



canço : (b) *Ubi est unio , ibi requies* ; e não bastando isto , ordenou que fosse enterrado sem distinção , sem divisa , e sem epitafio , para que não houvessem differenças onde havião identidades. Mas não , não consentirá o nosso amor , e a nossa saudade que fique sem distinção , sem divisa , e sem epitafio aquelle sepulchro. Sirva-lhe pois em nós de distinção , e de divisa aquelle mesmo baculo transplantado naquella urna , reverdecido naquella terra , e transformado em palma para immortalizar os dias à memoria , à saudade , e ao amor , a pezar da morte , e do tempo , e sirva-lhe de epitafio a letra , que só aqui se accommoda : (c) *In nidulo meo moriar , & sicut palma multiplicabo dies.*

Agora , ò morte , deixa-nos chorar hum pouco : (d) *Dimitte me ergo , ut plangam paululum dolorem meum.* Suspende , sequer por ora , esse fatal impulso , com que suffocas o pranto : pois se he sabio conselho chorar hum morto com grandes lagrymas , como se se padecêra huma cruel dor : (e) *In mortuum produc lachrymas , & quasi dira passus incipe plorare* , este morto , que à nossa dor recorda aquelle funesto monumento , he justo verdadeiro , e superior motivo para nós de huma cruel pena. Deixa que chore a Igreja a perda da-

K ii

quel-

---

(b) Sylv. t. 5. pag. 654. (c) Job 29. 18. (d) Job 10. 20. (e) Eccl. 38. 16.



quella Purpura , e daquella cithara : *Dimitte.* Deixa que lamente a Inquisição a falta daquelle Prelado , e daquella espada : *Dimitte.* Deixa que lamente , e chore a minha Religião a falta , e a perda daquelle Principe , e daquelle baculo : *Dimitte:* porque a dor já não cabe no peito ; e para não acabar de estallo , precisa respirar com o pranto : *Dimitte me ergo , ut plangam paululum.* Mas não , não ha de ser assim : *Non planges , nec plorabis , nec fluent lachrymæ tuæ ;* porque tirado da nossa vista , e sepultado aos nossos olhos o motivo da nossa magoa , deve corresponder-lhe a dor mais fina , sepultando no peito o pranto , e respirando a gemidos : *Ingemisce tacens ;* e em tamanha dor só poderá caber o alivio daquelle consideração , de que aquelle espirito descançará em paz :

*Requiescat in pace.*



# ELOGIO

DO

EMINENT.<sup>mo</sup> E REVER.<sup>mo</sup> SENHOR

## NUNO DA CUNHA

### DE ATAIDE,

*Cardeal Presbytero do Titulo de Santa Anastasia, do  
Conselho do Estado de S. Magestade Fidelissima, e  
Inquisidor Geral dos Reinos, e Senhorios  
de Portugal.*



**P**ARECEO-ME conveniente que descrevendo as demonstra-  
ções, que os Reverendissimos  
Inquisidores da Inquisição de  
Goa, o Doutor Antonio de  
Amaral Coutinho, e o Mes-  
tre Fr. Guilherme do Rosario,  
Dominico, fizerão do seu amor, e do seu agra-  
decimento nas solemnes Exequias do seu In-  
quisidor Geral, o Eminentissimo Senhor Car-  
deal da Cunha, devia tambem dar à luz o es-  
plendor do fangue, com que este Principe da  
Igreja sustentou o illustre da Nobreza, e os me-  
recimentos, com que se acreditou as Dignida-  
des, a que o elevárão, deo com elles glorioso  
nome à Patria, e eterno à sua fama, não só  
pa-



para fazer immortal a sua memoria , mas para que a posteridade viesse no conhecimento da sua grandeza.

Bem sei que todo o empenho consistirá em se dar a conhecer pelo dedo a hum gigante, e que pedia este elevado assumpto mui diferente Escritor: porèm he necessario advertir, que ainda para este pouco , que escrevo , não tive mais noticias , que algumas dispersas, que daqui, e dalli colheo a curiosidade; pois quando esperava fundamentos para tão magestoso edificio, não recebi mais que a copia do testamento de S. Eminencia, que como se terá visto, ou ouvido, não comprehende mais, que o que sempre se inferio da sua religião, e da sua piedade.

De mais que eu só cuidou em apontar o muito , que se póde escrever , quando algum zeloso do bem público, ou interessado no Elogio deste grande Senhor queira entrar em tão louvavel desempenho. Deve-me a sua faudosa recordação não ordinaria lembrança, por ser a creatura mais beneficiada da sua grandeza, e receio que se sepultem no esquecimento humas memorias, que desejo sejam eternas.

Não seguirei nas succintas, que pondero, o estylo de alguns Panegyristas, que anticipão o heroico das acções ao illustre do nascimento, por me capacitar que o esclarecido do sangue he que influio os merecimentos, com que tanto se distinguio.



Do antiquissimo tronco da Familia de Cunha foi o Senhor Nuno da Cunha de Ataide especioso fruto, e tão singular, que ainda posto por terra, bastava só para fazer respeitada esta, em tantos seculos illustrissima, Arvore.

He esta familia huma das mais antigas, e esclarecidas de Hespanha, de que nella procedem por varonia illustrissimas, e poderosas casas, (f) como são as dos Marquezes de Vilhena, Duques de Escalona, Marquezes de Villa-Nova del Fresno, de Alcala, da Alameda, Condes de Montijo, de la Puebla, de la Torre, de las Sirgadas, de Montalvão, de Uzeda, de Offuna; e em Portugal a dos Condes de S. Vicente, Povolide, Pontevel, e outras não menos illustres, ainda que sem a prerogativa da Grandeza.

D. Luiz de Salazar e Castro, (g) do Conselho de S. Magestade Catholica, e do seu Tribunal de Ordens, Chronista Mór de Castella, e D. Melchior de Teive, (h) do Conselho, e Camera do mesmo Reino em tempo de Philippe III. dando-lhe a mesma origem que à dos Silvas, a deduzem de D. Fruella II. Rei de Leão, Asturias, e Galiza, e o Conde D. Pedro lhe dá o principio em D. Guterre Pelaio, seu

---

(f) Imhoff. Corpus Hist. Geneal. Italiae, & Hispaniae Taboa II. pag. III. & seq. (g) Historia de la Casa de Silva tom. I. lib. 2. pag. 86. (h) Livro Geneal. da Casa de Sandoval.



seu terceiro neto, que na Conquista de Portugal acompanhou ao Conde D. Henrique, a quem attendia como válido, e respeitava como Conselheiro.

Delle foi undecimo neto por varonía Tristão da Cunha, aquelle Capitão Mór de huma Armada de dezeseis navios, que no anno de 1506. passou a este Estado, descobrio as Ilhas, a que deo o seu nome, e sujeitou a fortaleza de Socotorá ao dominio Portuguez. No anno de 1514. passou a Roma com o caracter de Embaixador de ElRei D. Manoel ao Papa Leão X. para lhe apresentar as primicias das suas Conquistas do Oriente, com huma solemne embaixada de obediencia, que se fará sempre commendavel ao mundo. Consistião as primicias em hum Pontifical completo de brocado de pezo, bordado, e guarnecido de perolas, e outras pedras preciosas. Além dos ornamentos forão joias de grande valor, e moedas de ouro de pezo de quinhentos escudos, tudo avaliado em hum milhão de nossa moeda, e mettido em hum riquissimo cofre, que levava hum elefante, com as guarnições todas de ouro, governado pelo Cornaca, com que tinha sahido da India, que por ir este animal acompanhado de hum soberbo cavallo Persiano, e huma onça de caça de Ormuz, se fez, atè pelo raro, grande apreço deste presente. O Papa fez tanta distincção da grandeza deste Heroe, que lhe offereceo o governo em chefe de huma sua



Armada , que tinha aparelhada contra os Turcos , que recusou por falta da licença do seu Soberano , e voltou para a Patria , deixando do seu nome honrada memoria naquella Curia. Casou Tristão da Cunha com Dona Antonia Paes , filha de Pedro Gonçalves , Secretario de ElRei D. Affonso V. e de Dona Leonor Paes : e cresceu logo tanto esta Arvore , que vendo-se carregada de frutos , se dividio em diversos ramos , quaes forão os seus trez filhos.

Nuno da Cunha , Vedor da Fazenda de ElRei D. João III. cuja casa , e descendencia , ainda que com diversa varonia , existe nos Condes de S. Vicente : aquelle Governador Asiatico , que desapostou de Mombassa ao seu Rei , e ao de Cambaia , a quem com a vida tirou a coroa. Conquistou aos Rumes a Ilha de Bete , que pela disputarem com perda de tantas vidas , se chamou depois a Ilha dos Mortos. Fez tributario à Monarquia Portugueza o Rei de Tidore , e estabaleceu a pezar dos poderosos obstaculos do Turco a fortaleza de Dio , de tantas consequencias para o Estado da India , que foi avaliada por chave de toda ella : executando outras heroicas acções , que merecerá , como até agora , venerarem-o pelo grande Nuno da Cunha.

Pedro Vaz da Cunha , ultimo filho , que tambem acompanhou a seu pai a Roma , Estribeiro Mór do mesmo Rei , que em illustre posteridade conserva a sua casa nos Senhores do



morgado de Paio Pires , o qual passando à India por Capitão de huma náo da Armada, em que veio o Governador seu irmão , e procedendo na tomada de Mombassa com o valor, que herdára com o fangue , faleceo naquella Praça.

Simão da Cunha , segundo filho , Comendador de S. Pedro de Torres Védras na Ordem de Christo, que depois de se achar em Roma com seu pai , e de fervir na India com seus irmãos com nome, e reputação, foi Trinchante do mesmo Rei ; e casando com Dona Isabel de Menezes , filha de Rui Gomes de Gram , Governador da casa da excellente Senhora , teve Rui Gomes da Cunha , que foi segundo filho , com a esclarecida descendencia nos Senhores de Valdige com o mesmo appellido de Cunha , mas hoje com differente varonía.

E a Tristão da Cunha , filho primogenito, Commendador de S. Pedro de Torres Védras , Trinchante de ElRei D. João III. que desposando-se com Dona Helena de Ataide, filha de D. Affonso de Ataide, terceiro Senhor de Atougia , Alcaide Mór de Coimbra, e de Dona Maria de Magalhães, procrearão

Simão da Cunha, Senhor de Povolide, e do morgado de Goes , que casou com Dona Ignes de Mello , filha , e herdeira de Duarte de Mello , Senhor de Povolide , e de Dona Margarida de Mendoça, de quem nasceo

Trif-



Tristão da Cunha de Ataíde, appellido, de que ufou por herdar o morgado de Atougia, que vagára por feu tio D. Luiz de Ataíde IV. Senhor delle, e III. Conde de Atougia, X. Vice-Rei da India, e hum dos mais excellentes, que occuparão este grande lugar, pois as suas emprezas fizeram tão respeitado o feu nome, que o será eternamente neste Estado. Foi Senhor de Povolide, e dos morgados de Atougia, e Goes, e Commendador de São Cosme de Gundar na Ordem de Christo. Casou com Dona Antonia de Vasconcellos, Senhora do morgado de Vidigueiras, filha, e herdeira de Damião de Aguiar e Ribeiro, do Conselho de ElRei, Desembargador do Paço, e Chanceller Mór do Reino, Commendador na Ordem de Christo, Alcaide Mór do Cada-val, hum dos varões grandes do feu tempo por letras, e prudencia, a que ajuntava conhecida nobreza em seus progenitores, e de Dona Francisca de Mendocça e Vasconcellos, filha, e herdeira de Manoel Mendes de Vasconcellos, Senhor do morgado das Vidigueiras, descendente por varonía da antiga, e illustre Familia dos Vasconcellos, e desta união nascêrão

Nuno da Cunha de Ataíde, segundo filho, que foi Conde de Pontevel pelo seu casamento, Presidente do Senado da Camera de Lisboa, e da Junta do Commercio, do Conselho de Guerra, Estribeiro Mór da Infanta Dona Isabel, e Embaixador extraordinario pa-



ra conduzir de França a Portugal a Rainha de Gram Bretanha Dona Catharina. Casou com Dona Elvira de Mendocça, Condessa de Pontével, Dama da Rainha Dona Luiza, e da dita Rainha de Gram Bretanha, a quem acompanhou a Inglaterra; e ficando viuva, e sem successão, fundou a Igreja de nossa Senhora da Encarnação, Freguezia de Lisboa, que do- tou pia, e generosamente, e nella se sepultou com seu marido.

Luiz da Cunha de Ataide, que foi o primeiro filho, Senhor de Povolide, da Villa de Castro-Verde, da Aldea de Paradela, e dos morgados das Vidigueiras, Atougia, Goes, e outros, Commendador na Ordem de Christo, casou com Dona Guiomar de Lencastre, filha de D. Alvaro Abranches da Camera, Commendador de S. João da Castanheira, Governador, e Capitão General de Mazagão, hum dos acclamadores de ElRei D. João IV. e do seu Conselho do Estado, e Guerra, Governador das Armas da Provincia da Beira, e da de Entre Douro, e Minho, e Cidade de Porto, e Mestre de Campo General da Provincia da Estremadura, Senhor do morgado de Abranches, Almadas, como filho de D. Francisco Coutinho de Camera, e de sua mulher Dona Guiomar de Abranches, herdeira do dito morgado, e de Dona Maria de Lencastre, filha de D. João Lobo, VI. Barão de Alvito, Senhor da mesma Villa, e das de Oriola, e outras,  
Pro-



Provedor Mór das Capellas de ElRei D. Afonso IV. e deste felicissimo vinculo deixou à sua grande casa gloriosa posteridade, porque nasceo o Excellentissimo Senhor

Tristão da Cunha de Ataide, primeiro Conde de Povolide, que creou o grande Rei D. João V. de que tirou carta passada a 6. de Janeiro de 1709. e Senhor de todos os mais Estados, e Commendas desta casa, em que succedeo a seu pai. No anno de 1682. foi na Armada, que Portugal mandou a Turim. Foi Coronel na paz de hum dos Regimentos da Ordenança da Corte, e na guerra fervio sendo Mestre de Campo do terço pago de Pinhel. Casou com a Excellentissima Senhora Dona Archangela Maria de Tavora, filha dos segundos Condes de S. Vicente, os Excellentissimos Senhores Miguel Carlos de Tavora, e de Dona Maria Caetana da Cunha. D. Alvaro de Abranches, Commendador de S. Mattheus de Soure; Simão da Cunha, que morrêrão moços; a Excellentissima Senhora Dona Maria de Lencastre, que casou com seu primo com irmão o Excellentissimo Senhor D. Carlos de Noronha, segundo Conde de Valladares; o Eminentissimo Senhor Nuno da Cunha de Ataide, objecto do nosso faudofo assumpto.

De huns ascendentes tão illustres, conservando sempre nesta sua casa em legitima descendencia, e varonia a de D. Guterre Pe-laio, nasceo seu decimo setimo neto o Senhor

Nu-



Nuno da Cunha de Ataide na Cidade de Lisboa, que por ser a Corte do Reino de Portugal, lhe tocava huma honra tão distincta.

Vio a primeira luz em 8. de Dezembro de 1664. e poucos dias depois, pelas fantificadas aguas do Baptismo, renasceo com a candida vestidura da graça, para ser huma brilhante estrella no firmamento da Igreja, recebendo este Sacramento na Freguezia de S. José.

Instruido o Senhor Nuno da Cunha de Ataide nas indispensaveis obrigações do seu nascimento, entrou logo a habilitar-se para as letras, patrimonio dos filhos segundos dos Fidalgos Portuguezes, principiando a estudar os rudimentos da Latinidade, em que fez tão admiraveis progressos, que em pouco tempo ficou perfeito Grammatico, não lhe devendo menos applicação a Filosofia, em que tambem grangeou a opinião de consummado Logico, pela subtileza, com que arguía, e resoluções, com que defendia.

E como a Cidade de Lisboa era pequeno theatro para luzir o seu talento, passou para a Univerfidade de Coimbra, origem de todas as sciencias, em que entrou por Porcionista do Collegio de S. Paulo, de que tomou posse a 25. de Outubro de 1681. Neste Real Collegio principiou o Senhor Nuno da Cunha de Ataide a estudar Theologia, e deixando esta faculdade, passou à de Canones, em que se graduou, e fez exame privado, que por ser o mais rigo-

ro-



roso daquella Universidade , deixou nella universal conceito da sua litteratura.

Neste tempo intentou o Senhor Nuno da Cunha de Ataide ver as mais celebres Cortes da Europa , quando seu tio, o Conde de Ponteval, foi nomeado Embaixador extraordinario para conduzir a Rainha de Gram Bretanha, como quem sabia , que são ellas as universidades , em que mais se perfeição os engenhos. Não vio muitas , porque seu tio , a quem por sua morte succedeo na commenda de Bornes, se recolheo de París , por mudar a Rainha de parecer ; mas as poucas, em que assistio, forão as que bastarão para o fazerem hum grande politico.

O bem fundado conhecimento das suas prendas , e o ter já subido ao estado Sacerdotal , o buscárão para ser provído em huma das Conezias da Cathedral de Coimbra, e em Beneficiado de Coruche. E como no rectissimo Tribunal do Santo Officio não podia faltar hum Ministro tão digno , o Eminentissimo Senhor Cardeal de Lencastre, Inquisidor Geral, o nomeou Deputado daquella Inquisição , de que tomou posse em 2. de Novembro de 1691. e de seu Promotor em 29. de Julho de 1692.

Neste lugar esteve até 8. de Abril de 1693. em que foi promovido a Deputado da Inquisição de Lisboa pelos Senhores do Conselho Geral , e em 5. de Abril de 1700. subio à cadeira de Inquisidor por nomeação do Illustri-



trissimo Senhor Inquisidor Geral D. Fr. José de Lencaestre, Bispo de Miranda: empregos, que desempenhou tanto à satisfação dos que concorrêrão com elle no serviço do Santo Officio, que publicavão nascêra o Senhor Nuno da Cunha de Ataide para presidir, pelo singular modo, com que nelles se portava: fortuna, que o acompanhou sempre em todas as suas acções, como mostrou depois a evidencia.

O alto conceito, que ElRei D. Pedro II. tinha das virtudes do Senhor Nuno da Cunha de Ataide, o fizeram lembrado para Sumilher da cortina, que tambem o fez Deputado da Junta dos Trez Estados, que principiou a exercer em 7. de Março de 1702. e o nomeou Bispo de Elvas a 30. de Julho de 1705. Dignidade, que recusou, não porque os seus hombros não pudessem sustentar este pezo, mas porque o ajustado da sua consciencia o não queria embaraçar com as de tantas almas, quaes erão aquellas ovelhas.

A mesma Magestade o nomeou seu Capellão Mór em 14. de Setembro de 1706. e como desta tão authorizada Dignidade he inseparavel a Mitra, o Papa Clemente XI. o creou Bispo Titular de Targa, e foi sagrado na Capella Real em 14. de Março de 1706. por seu primo com irmão D. Alvaro de Abranches, Bispo de Leiria, sendo assistentes D. Antonio de Vasconcellos, Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, e D. Antonio de Saldanha, Bispo da Guarda.



Subindo ao throno ElRei D. João V. como a experiencia o tinha certificação dos grandes merecimentos do Senhor Nuno da Cunha de Ataide, o nomeou a 10. de Março de 1707. do seu Conselho do Estado, e Ministro do seu despacho, e depois Inquisidor Geral dos Reinos, e Conquistas; e sendo confirmado por Bulla Pontificia, tomou posse desta tão importante occupação a 6. de Outubro de 1707. lugar, em que será eterna a sua memoria pela prudencia, e rectidão, que observou sempre nella, e tal equidade nos provimentos dos seus Ministros, que para as Inquições escolheo sempre os mais doutos, e de exemplar procedimento.

Na promoção, que o Papa Clemente XI. fez de Cardeaes no anno de 1712. foi o Senhor Nuno da Cunha de Ataide, por nomina do mesmo Rei, creado Cardeal a 18. de Maio, noticia, que foi recebida na Corte com geral aceitação; pois os seus grandes lugares, e o esclarecido do seu sangue junto com o zelo, com que servia ao seu Soberano, o fazião benemerito da Purpura.

Monsenhor Marculini, Camareiro privado do Papa, foi o que trouxe o barrete a Sua Eminencia, que determinou ElRei pôr-lho com sua Real mão; pelo que a 8. de Outubro foi S. Eminencia ao Paço revestido das vestes Episcopaes roxas, como andava, levando comfigo na liteira ao dito Prelado, e acompanhado de todos os Grandes, e Fidalgos da Corte.



Entrando no pateo da Capella Real, o forão receber, por ordem, que tiverão, o Conde de Redondo Thomé de Soufa, Védor da Casa de ElRei, e D. Philippe de Soufa, Capitão da Guarda Alemã, que se poz em duas alas para elle passar, e foi conduzido a huma sala do Paço, em que estava hum Altar ricamente paramentado, e da parte da Epistola hum bofete cuberto, em que estava huma bandeja dourada, e nella o barrete Cardinalicio, que naquelle lugar tinha posto o Guarda de Tapeçeria, e junto do Altar estava huma almofada de tela para ElRei, e outra, hum pouco distante, de veludo para S. Eminencia.

Sahindo ElRei para ouvir Missa, o Prelado lhe offereceo em huma salva a Bulla do Papa; e tomando-a ElRei, e pondo-a na salva, lha mandou ler; e lida, a tornou a offerer a ElRei, que lhe ordenou a désse a S. Eminencia. Acabada a Missa, tomou o Mestre das Ceremonias a salva, em que estava o barrete, e dando-a ao Monsenhor Marculini, este apresentou a ElRei o barrete, que tomando-o, o poz na cabeça de S. Eminencia.

Foi depois S. Eminencia conduzido a huma casa, em que estavam as vestes Cardinalicias, que revestio; e passando com os seus Conductores à Audiencia de ElRei, em que os Grandes estavam cubertos no lugar, que lhes tocava, e os Officiaes da Casa Real no que lhes pertencia, à primeira venia, que fez, ti-  
rou



rou ElRei o chapeo; e fazendo o mesmo à segunda, deo trez passos, quando S. Eminencia chegou, o qual com profundo respeito lhe fez reverencia, e logo o Reposteiro lhe chegou huma cadeira de espaldas de veludo, em que ElRei o mandou sentar; e depois de se cubrir, lhe ordenou puzesse o barrete; e cuberto lhe rendeo as graças pelas públicas distinções, com que o honrava, ao que ElRei lhe correspondeo com palavras de estimação; e levantando-se S. Eminencia, lhe afastou a cadeira o Porteiro da Camera, e a levou o Reposteiro, e Sua Eminencia foi acompanhando a ElRei até à sua Camera; e passando à Audiencia da Rainha, que estava sentada, quando chegou à ponta do estrado, se levantou, dando trez passos; e mandando-o sentar na cadeira, que chegou o Porteiro da sua Camera, o mandou cubrir; e depois de S. Eminencia expressar o seu grande rendimento, se despedio, e foi fazer oração à Capella Real, acompanhado dos Conductores, e de muitos Senhores.

Por morte do Pontifice Clemente XI. foi S. Eminencia convocado para o Conclave; e sahindo de Lisboa a 9. de Maio de 1721. em huma não de guerra da Coroa, a 19. do mesmo mez desembarcou em Leorne, em que recebeu a noticia de ser exaltado à Cadeira de S. Pedro o Cardeal Miguel Angelo Conti com o nome de Innocencio XIII. de quem recebeu especiaes demonstrações de paternal benevo-



lencia, merecendo-lhe a lembrança da boa correspondencia, que tiverão na Corte de Lisboa, sendo Nuncio da Sé Apostolica.

A 10. de Junho do mesmo anno lhe deo S. Santidade o capello com o titulo de Santa Anastasia, de que tomou posse a 21. de Julho seguinte, occupando-o nas Congregações dos Bispos, e Regulares, de Propaganda Fide, dos Ritos, e da Consistorial, em que deo huma evidente prova das suas letras, e da sua prudencia, admirando juntamente aquella Curia a sua piedade, e grandeza, tanto nas grandes esmolas, que distribuia, como no paramento da sua casa, e magnificencia do seu trato: e para deixar nella hum eterno padrão da mesma grandeza, reedificou à sua custa a Basilica de Santa Anastasia, Igreja do seu titulo, que ameaçava a ultima ruina; e por isso se lê o seu eminentissimo nome no ornamento do pórtico sobre o claro, que faz huma grande janella.

*Nonius Tit. S. Anastasiæ*

*Presb. Card. à Cunha*

*Anno Dñi M. DCC. XXII.*

E sobre o grande arco da nave do meio, ou Presbyterio, se vem as Armas da esclarecida Familia de Cunha, esculpidas em hum globo, que cerca huma serpente, unindo a cabeça com a cauda, symbolo da eternidade, e com outros ornatos allusivos a S. Eminencia.



Nesta obra se vem os maiores primores da arte, por ser director della hum dos mais insignes professores da arquitectura, o nobre Cidadão de Malta Carlos Gimach, que ornando a Igreja com diversas allusões, em que declara as virtudes, e prerogativas de Santa Anastasia, e as excellencias do seu bemfeitor, fez a seguinte inscripção, que deixou gravada na mesma Igreja.

*Nonius S. R. E. Presb. Card. à Cunha  
 Generalis in Lusitania Inquisitor  
 Antiquissimam hanc Basilicam  
 Anastasiæ dicatam  
 Titulum suum  
 Vetustate deformatam  
 Parietibus, & contignatione  
 Jam inclinantibus penè collabentem,  
 Novis jactis fundamentis,  
 Aliisque operibus adjectis,  
 Firmavit,  
 Elegantioremq; in formam  
 Restituit  
 Anno à Nato Christo  
 M. DCC. XXII.*

Agradecido o Cabido desta Basilica a tão grande beneficio, resolveo em 22. de Maio de 1722. que nella se fizesse annualmente até o fim do mundo especial memoria de S. Eminencia; e para fazer eterna a sua gratidão, mandou gravar em marmore esta inscripção.

*Emi-*



Eminentissimo Principi Nonio à Cunha,  
 Tit. S. Anastasiæ Presbyt. S. R. E. Cardinali,  
 Omnium Portugaliæ Regis Provinciarum  
 Inquisitori Generali,  
 Quòd vetustissimam hanc Basilicam  
 Primis Æræ Christianæ sæculis  
 Ædificatam,  
 Ac complurium Summorum Pontificum,  
 Tum etiam Cardinalium Titularium  
 Piâ curâ multoties restitutam,  
 Ornatamque,  
 Postremis hisce temporibus  
 Miserè fatiscentem, & excidio proximam  
 Resarto tecto, addito laqueari,  
 Parietibus ad libellam revocatis,  
 Atque directis,  
 Utraque laterali nave concamerata,  
 Pristino antiquis columnis reddito  
 Nitore,  
 Novis apertis fenestris,  
 Nova itidem interiori extructa porticu,  
 Atque odæo superimposito,  
 Æquato, stratoque pavimento,  
 Instauratâ fronte, amplificata areâ,  
 Ac universi ædificii squallore deterso  
 Non tantùm ab interitu vindicaverit,  
 Et adversus ævi damna firmaverit,  
 Sed elegantiozem insuper,  
 Splendididoremque in speciem restituerit:  
 Reparatori munificentissimo  
 Capitulum, & Canonici



*Gratum animum declaraturi*  
*Missam solemnem, ipsis assistentibus,*  
*Et duodecim alias Missas lectas,*  
*Eo vivente, pro vitæ diuturnitate*  
*Die 21. Julii, qua Tituli possessionem*  
*Assumpsit;*  
*Eo mortuo, die obitus pro animæ suffragio*  
*Perpetuis futuris temporibus*  
*Celebrandas*  
*Unanimi consensu decreverunt,*  
*Et ad posteritatis notitiam*  
*Acceptorum beneficiorum,*  
*Ac simul Capitularis Decreti,*  
*Monumentum posuere*  
*Anno sal. M. DCC. XXII.*

Sahio S. Eminencia de Roma a 2. de Maio de 1722. deixando outros muitos maiores argumentos de sua grandeza, que fará immortal o seu nome na Cabeça da Christandade; e encaminhando-o a devoção à Santa Casa de Loreto a venerar a Sagrada Imagem de Maria Santissima, em memoria della lhe deixou huma Cruz grande de ouro, com grossas safiras cercadas de diamantes, e hum preciosissimo ornato de ouro com geroglyficos, posto sobre lapis lazuli, que cerca o nicho; e chegando a Lisboa em 22. de Outubro do mesmo anno, foi recebido de ElRei com especial agrado, e satisfação, e da Nobreza da Corte com grande contentamento, não sendo inferior o do seu



povo , pois com vivas acclamações o congratulavão da restituição à Patria : quem sabe se em recompensa das lagrymas , com que o tinham chorado quando se apartou della.

Não o privou a ausencia , decadencia ordinaria dos valídos , de continuar S. Eminencia na aceitação do seu Soberano , em que perseverou até 31. de Julho de 1750. por conseguir a morte naquelle dia , sempre triste nos Annaes de Portugal , o maior triumpho , tirando a Real Coroa de Portugal da cabeça do Monarca mais pio , mais sabio , mais magnifico , e mais religioso , como foi o Fidelissimo Rei o Senhor D. João V. de saudosa memoria.

Exaltando-se ao throno o Fidelissimo Rei o Senhor D. José I. que Deos nos guarde por dilatados annos , não só por querer imitar a seu grande pai , mas porque para distinguir merecimentos he Principe grande entre os mais rectos , cuidou muito em fazer de S. Eminencia , a quem sempre respeitou , aquella estimação , que tanto merecião os seus avultados serviços , por serem de qualidade , que os não duvidarão ainda aquelles , que podião ser emulos da sua gloria.

Nestas tão distinctas honras , que lograva S. Eminencia , o accommetteo hum estupor , que pelos symptomas se conheceo logo ser prognostico da morte ; e como lhe deixou os sentidos livres , o tempo , que bastou para receber os Sacramentos , fortalecido com elles ,  
pe-



pelas onze horas da noite em huma segunda feira 14. de Dezembro do referido anno, contando de duração oitenta e seis annos, e seis dias, voou este grande espirito para a região das almas, e feria para a das escolhidas, como piamente podemos presumir da inteireza, com que viveo, e desengano, com que acabou.

Divulgou-se logo pela Corte com tristes avisos tão sensível noticia, que magoou os corações dos Grandes, dos Fidalgos, dos Ecclesiasticos, da Nobreza, e do povo, porque os mais delles lhe erão obrigados, e todos inclinados, merecendo até as expressões, que tolléra a soberania, quando quer explicar a grandeza da falta pela dos louvores, que dão aos merecimentos de quem a causa.

Havia a devoção de S. Eminencia determinado em seu testamento, que fosse o seu corpo concertado pelos Religiosos da Ordem de nossa Senhora do Carmo, de quem era Terceiro, e por elles conduzido à Capella da Inquisição, onde lhe cantarião hum Officio, e Missa, de que lhes mandou dar duzentos mil reis; o que tudo se executou na quarta feira com assistencia de todo o Tribunal do Santo Officio, e de muitos Grandes, Fidalgos, e Prelados.

O Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida na mesma manhã lhe rezou hum Responso, todo cheio de ternura, e mandou distribuir



grandes esmolas aos pobres pela alma de Sua Eminencia, com que conservou sempre intima amizade.

Tambem tinha disposto o esperar a universal resurreição em campa rafa do Capitulo do Real Convento de São Domingos, a quem mandou dar quatrocentos mil reis, e nella foi sepultado na noite do mesmo dia, sendo conduzido em hum riquissimo esquife pelos Religiosos mais graves, com a assistencia da Grandeza, e de todos os Senhores, Ministros, e Prelados da Corte, tendo-se dado em todo este dia, por ordem do mesmo Senhor, seis vintens a cada pobre.

A todas as Communidades, que lhe cantarão Nocturnos, mandou dar sincoenta mil reis, e vélas de arratel, e repartir pelos Conventos mais necessitados quatro mil cruzados, distinguindo o das Religiosas da Madre de Deos, por lhe determinar dobrada esmola da que se désse aos outros. Outras esmolas correspondentes à sua grandeza, e piedade receberão muitas Freguezias, e Capellas, sendo humas de trezentos, e duzentos mil reis, e outras de cem mil reis, não se esquecendo do Cabido de Coimbra, em que foi Conego, a quem mandou dar quatrocentos mil reis, e duzentos ao Collegio Real de S. Paulo, em que foi Porcionista.

Da Santa Igreja Patriarcal, de que foi Prelado, se lembrou com dous grandes vasos de



de prata dourada , e repartio dos seus ricos Pontificaes com a sua Igreja Titular de Santa Anastasia , e com o Convento de S. Francisco da Terra Santa. A' Irmandade da Misericordia deixou vinte mil cruzados para se pôrem a ju-ro de finco por cento , e não mais para se re-partir o seu rendimento em esmolas na visita geral , que annualmente costuma fazer: e man-dou empregar hum conto de reis em roupas para os doentes do Hospital Real de Todos os Santos.

A muitos dos seus Illustrissimos parentes deixou legados regulados pela grandeza de quem os dava , e de quem os recebia.

A cada hum dos seus Gentis-homens , af-sim Ecclesiasticos , como seculares , mandou dar fincoenta moedas de quatro mil e oito-centos para se vestirem de luto ; e além de ou-tros legados , que lhes deixou , mandou repar-tir pelos seculares toda a roupa do seu uso ; e a todos , que se lhes assistisse com meza , e os ordenados por tempo de quatro mezes , o que tambem se praticaria com os criados de infe-rior caracter , a quem mandou dar vestidos de luto.

Finalmente instituindo duas Capellas no Convento de S. Domingos , para se dizerem duas Missas pela sua alma , pela de seus pais , e irmãos , e pela do seu grande amigo Nuno da Silva Telles , filho dos primeiros Marquezes de Alegrete. Deixou o resto da sua mui impor-



tante herança à mesma Irmandade da Misericórdia para repartir em dotes de cem mil reis por moças donzellas, pobres, e bem procedidas, sem que servisse de embaraço serem vivos seus pais, as quaes ferião naturaes, e moradoras na Freguezia de Santa Justa, onde residia, e na de S. José, em que nasceo, pedindo a seus Testamenteiros, que são os Senhores do Conselho Geral do Santo Officio, cumprão o que determina no seu Testamento: e recomendendo-lhes, que pelo modo mais suave mandem cobrar todo o dinheiro, que se lhe dever.

Com disposições tão santas espirou huma vida, que requeria ser eterna; ou para melhor dizer, por seguir os thesouros, que tinha remettido para o Ceo, se rendeo ao golpe da Parca o vassallo, que mereceo a trez Monarcas as maiores estimações, pelo zelo, amor, e desinteresse, com que os servio. Hum Ministro de maiores talentos para os negocios públicos, e de animo mais recto, e prompto em ouvir, e despachar os pertendentes; e o Prelado mais exemplar, e amante da pobreza, e de virtudes tão relevantes, que por ellas subio aos empregos mais honorificos, e authorizados, que podia conseguir o estado, que abraçou; e se lhe faltou o da Tiara, unico degráo, que lhe restava para se elevar ao supremo Solio da Igreja Militante, não foi porque deixasse de a merecer.











FUNDACION UNIVERSITARIA SAN PABLO CEU



7103456

Biblioth. E. v. d. Vekene

Signatur I.89.3059

Inventur Mai 1989

Standort .....



